

25-20

1918

# TERRA PORTUGUESA

REVISTA ILUSTRADA DE ARQUEOLOGIA ARTISTICA  
E ETNOGRAFIA



LISBOA  
Na Oficina do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 24.  
MCMXVIII

## SUMÁRIO

N.º 25-26 — AGOSTO E SETEMBRO DE 1918

	192.
Manuel Vieira Natividade — V. C. ....	1
Ceração — M. Vieira Natividade .....	3
O Monumento a Natividade — Afonso Lopes Vieira .....	6
» » » » — Projecto de Raul Lino .....	7
As Cabeceiras de Sepultura e as suas transformações — Eugeniusz Frankowski .....	9
Cabeceiras de sepultura medievae — Vergílio Corrêa .....	30
As Rondas — Alfredo Guimarães .....	35
Da Lisboa do fim do seculo XVII (aguarela de Zacharie Felix Doumet) ...	29
Cronica: Prof. Henri Breuil; Eugeniusz Frankowski; Livros recebidos; ...	30
Renascença Portuguesa .....	32
Manoel Vieira Natividade — (Retrato a sanguinea por Alberto Soares) (em folha solta).	

Só se publica a colaboração solicitada «por nós».

A Terra Portuguesa só permuta com publicações de sua índole.

### AOS NOSSOS ASSINANTES E LEITORES

Vai a *Terra Portuguesa* entrar no seu 3.º ano de existencia, e, apesar das difficuldades enormes do momento — cada resma de papel, que nos custava, em 1916, 7050, custa-nos agora 2800 —, temos mantido a Revista com o mesmo carater com que appareceu. Para o podermos continuar a fazer, porem, somos forçados a modificar as condições de assinatura e venda: Decidimos passar a publicar a Revista, com toda a regularidade, de dois em dois meses, ao preço de 2000 cada numero de 32 paginas. As assinaturas custarão, portanto, 1780 por semestre.

Todos os pedidos de fasciculos, volumes e capas da Revista, devem ser dirigidos a Livraria Ferin, Lisboa.

Preço d'este numero: 2000

107  
- ABR. 1957

# TERRA PORTUGUESA

REVISTA ILUSTRADA DE ARQUEOLOGIA ARTISTICA  
E ETNOGRAFIA

(4.º VOLUME)

1918-1922



NA OFICINA DO ANUARIO CO-  
MERCIAL - PRAÇA DOS RES-  
TAURADORES, 24 - LISBOA



## INDICE DO 4.º VOLUME

### ARQUEOLOGIA MONUMENTAL

As cabeceiras de sepultura e as suas transformações — <i>Eugeniuz Frankowski</i> .. .. .	9
Cabeceiras de sepultura medievas — <i>Vergilio Correia</i> .. .. .	20
Defendendo-me .. — <i>D. José Pessanha</i> .. .. .	46
Portaes e «Moinhólas» de Castelo de Vide — <i>Luis Keil</i> .. .. .	73
O Templo das Siglas — II — (continuado de p. 223 do vol. III) — <i>Aarão de Lacerda</i> .. .. .	78
No encerramento da exposição de arte coimbrã em Lisboa — <i>D. José Pessanha</i> .. .. .	129
Um trecho dos paços manuelinos de Coimbra — <i>V. C.</i> .. .. .	151

### ICONOGRAFIA

Manuel Vieira Natividade — <i>V. C.</i> .. .. .	1
Manuel Vieira Natividade — Desenho de <i>Alberto Sousa</i> .. .. . (em folha solta)	
O Monumento a Natividade — <i>Afonso Lopes Vieira</i> .. .. .	6

### ARTE DECORATIVA

O Pintor Antonio de Oliveira Bernardes — <i>V. C.</i> .. .. .	64
Gravura Popular Portuguesa (continuação) — <i>M. Cardoso Marta</i> .. .. .	55
A Porcelana em Portugal — <i>D. José Pessanha</i> .. .. . 65, 101, 153 e	173
Tecidos medievas portugueses — <i>D. Sebastião Pessanha</i> .. .. .	81
Pano de armar de estilo gotico (seculo xv) .. .. . (em folha solta)	
Um pano gotico — <i>S. P.</i> .. .. .	95
Casas de Portugal — III — Oeiras — <i>José Queiroz</i> .. .. .	113

### ETNOGRAFIA — ARTE POPULAR

Coração — <i>M. Vieira Natividade</i> .. .. .	3
As Rondas (Minho) — <i>Alfredo Guimarães</i> .. .. .	25
Da Lisboa do fim do seculo XVIII (Reprodução de uma aguarela de <i>Zacharie Felix Doumet</i> ) ..	29
O Entrudo (Minho) — <i>Alfredo Guimarães</i> .. .. .	39
Do Alentejo — IV — Jazes ornamentados (Estremóz-Portalegre-Elvas) — <i>D. Sebastião Pessanha</i>	40
A Festa de S. Mamede de Janas — <i>Vergilio Correia</i> .. .. .	43
Hervas misticas — <i>Severo Portela</i> .. .. .	49

## INDICE

Scenas do Douro — <i>Sousa Costa</i> .. .. .	51
As Janeiras (Mangualde) — <i>B. M. A. de Noronha</i> .. .. .	63
Documentos referentes a oleiros eborenses — <i>V. C.</i> .. .. .	77
A feira de Guimarães — <i>Alfredo Guimarães</i> .. .. .	83
O Carro Rural Português (continuação da p. 208 do vol. II) — <i>Vergilio Correia</i> .. .. .	90
Rabanadas da Consoada — <i>Severo Portela</i> .. .. .	94
O comunalismo na Serra do Geréz — <i>Tude M. de Sousa</i> .. .. .	98
O Rito Bracharense — <i>S. P.</i> .. .. .	109
A Capucha (Caramulo) — <i>José Julio Cesar</i> .. .. .	110
Serra do Gerez — Cêrcos e Clamores — Cruzeiros e Alminhas — <i>Tude M. de Sousa</i> .. .. .	166
Barcos de Pesca — <i>Carlos de Passos</i> .. .. .	192

### ARTE PREISTORICA — ARTE ANTIGA

O Prof. Henri Breuil na Sociedade de Geografia .. .. .	33
Impressions de voyage paléolithique à Lisbonne — <i>H. Breuil</i> .. .. .	34
Um documento do pintor Pedro Alexandrino — <i>Pedro de Lencastre</i> .. .. .	50
Joaquim Machado de Castro — <i>Martinho da Fonseca</i> .. .. .	136
Francisco Henriques, notavel pintor de D. Manuel, era português — <i>Luciano Freire</i> .. .. .	141
Arte Rupestre em Portugal — <i>Horacio de Mesquita e Vergilio Correia</i> .. .. .	145
Frey Carlos — <i>Luciano Freire</i> .. .. .	161
Álvaro Pires de Evora — <i>Vergilio Correia</i> .. .. .	184

«Terra Portuguesa» — Uma portaria de louvor .. .. .	97
Julio de Castilho — <i>J. P.</i> .. .. .	126
Cronica .. .. .	29, 64, 96, 127, 159 e 203

# TERRA PORTUGUESA

DIRECTOR LITTERARIO :

VERGILIO CORREIA

EDITOR E PROPRIETARIO :

D. SEBASTIÃO PESSANHA

DIRECTOR ARTISTICO :

H. SANTOS JUNIOR

ANNO 3.<sup>o</sup> — N.<sup>os</sup> 25-26

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua Rodrigo da Fonseca, 53 — Lisboa  
Comp. e imp. na Typ. do Anuario Commercial  
Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa

AGOSTO E SETEMBRO  
DE 1918

## MANUEL VIEIRA NATIVIDADE

Em 20 de Março deste ano, com a serenidade do homem que cumpriu neste mundo a sua obrigação e mais do que ela, extinguiu-se, em Alcobça, aquele que foi o maior adorador dessa adoravel terra, e um dos melhores espiritos entre todos aqueles que em Portugal teem servido as letras e as artes.

Nascido no Casal do Rei, a uns 8 quilometros de Alcobça, em plena faixa idilica e cinzenta de olival, as suas aspiraões levaram-no cêdo para a Vila, onde se fixou e venceu a dura batalha da vida, e onde, ao deante, a sua casa se tornou o centro intelectual da povoação.

Dotado de excecional viveza de espirito, de faculdades invulgares de observaão, e de uma sensibilidade afinadissima, Vieira Natividade foi, por tendencia natural, e por amor da sua terra, etnografo, arqueologo e artista, e foi-o superiormente, na plena e intima convicção dos que cumprem uma função religiosa.

Toda a obra de Natividade se encontra intima e indissolvelmente ligada ao seu rincão natal. Sob o ponto de vista etnografico, o Casal do Rei e a sua area de oliveas das abas da Serra dos Molianos, deram-lhe a interessante *Note ethnographique sur les chiffres usés dans les pressoirs* (1891), que um dia, quando as dificuldades de material que nos assoberbam nos deixarem, haveremos de trascrever toda, tal o seu valor e raridade. Mais longe, os morros calcareos e laivados de silices, da Azinheira, aonde se perpetuára uma industria de trogloditas, forneceram-lhe materiaes para *La taille du silex au XIX<sup>e</sup> siècle* (1893), outra nota de extraordinaria importancia. Finalmente, as serras que descem de Porto de Moz para o sul, patentearam-lhe o riquissimo material que aproveitou no magistral artigo da «Portugalia» — *As rocas da minha terra* (1908).

Sob o ponto de vista arqueologico, o solo da parte oriental do seu concelho, constituido por calcareos, proporcionou-lhe, pelo seus algáres e grutas, que os homens das idades da pedra haviam aproveitado para moradas e sepulturas, um vasto campo de pesquisas e de descobrimentos, que uma esplendida monografia, *As grutas de Alcobça*, publicado na «Portugalia» em 1912, veiu arquivar definitivamente.

O resto da sua obra arqueologica concentrou-se no Mosteiro. Desnudando pouco a pouco das fantasias dos cronistas o arcaboço do velho edificio monacal, tecendo a sua verdadeira historia, foram aparecendo, um apoz outro, *O Mosteiro de Alcobaça* (1885); o *Roteiro Archeologico de Alcobaça e Coutos* (1891); *Alcobaça d'outro tempo*; *Ignez de Castro e Pedro o Crú perante a Iconografia dos seus tumulos* (1910), monografia que não tem rival na historia da arte portuguesa; *Alcobaça* (na «Arte e Natureza em Portugal»); e *D. Fr. Estevam Martins e as Escolas Publicas do Mosteiro de Alcobaça* (1916). Desta serie permanece inedito o principal trabalho — *Mosteiro e Coutos de Alcobaça*, em que Natividade nos deixou um estudo de conjunto sobre a arte, etnografia e arqueologia da região, e que será publicado, em breve, pelo filho do grande escritor.

Da sua superior formação estetica ficaram documentos brilhantissimos nos seus versos, nessas admiraveis monografias, verdadeiros poemas em prosa, que se chamam — *As Rosas*, *O Culto da Arvore*, a *Poesia dos Frutos*, e, finalmente, no *Povo da Minha Terra*, que os leitores desta Revista bem conhecem, e em que Natividade se elevou as mais altas regiões de filosofia da arte.

Apezar de ter limitado a sua actividade intelectual á sua terra, Vieira Natividade não foi um arqueologo de provincia. Soube intregar a sua região no movimento artistico mundial, executou obras que ninguem mais soube levar a cabo em Portugal, — como esses encantadores serões de arte e evocação no Mosteiro, — e exerceu uma influencia que os mais considerados arqueologos e artistas citadinos lhe invejavam.

Nos meados de junho, acompanhando o professor Breuil, que viera a Alcobaça para conhecer as collecções reunidas por Natividade e examinar as cavernas por ele exploradas, entrei, pela segunda vez, na casa do grande etnografo.

Tudo no seu escritório, aberto sobre a praça, se conservava como anos atraz, as mezas carregadas de livros, os armarios patenteando, regulares, o rico espolio das grutas. Mas faltava o espirito formoso que animara e valorisava todo aquele material, e, embora Antonio Natividade, poeta, empreendedor e devoto, como ninguem, da memoria do seu pae, me estivesse lembrando que a obra do seu progenitor ficaria de pé, uma grande tristeza me tomou de subito.

Nesse mesmo dia visitamos as principaes grutas exploradas, e então vimos, praticamente vimos, quanto esforço, quanta tenacidade lhe foi necessaria para excavar esses enormes corredores subterraneos, num periodo em que a sua fortuna lhe não permitia larguesas!

No dia seguinte, em pleno movimento do mercado dominical, indicaram-me o lugar onde se levantaria o seu monumento. E' na praça, em frente do Mosteiro.

E' ali, do alto seu medalhão de bronze, que ele continuará a ver afluir, cruzar-se, feirar, viver, o povo da sua terra: as alegres e garridas camponesas de Cós, de Eborá ou de Aljubarrota, carreando primores para o mercado, as pitorescas vendedeiras de cal, de Pataias, os serranos, de alforges policromados, e as mulheres da Nazareth, com as canastras do peixe, embuçadas nas suas capas negras, e tão sombrias e tristes que parecem vestir um luto eterno pelos que ficam, pelos que hão-de ficar nas aguas do mar...

Que a sua obra e exemplo frutifiquem!

V. C.





(Desenho de Alberto Sousa)

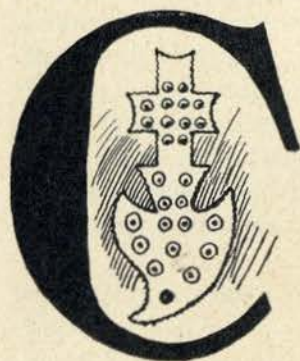
MANUEL VIEIRA NATIVIDADE  
(FALECIDO EM ALCOBAÇA A 20 DE FEVEREIRO DE 1918)

# CORAÇÃO

(EXCERPTO DUM ESTUDO INEDITO)

Já não tenho coração  
que m'o tiraram do peito  
no lugar onde ele estava  
nasceu um amor perfeito.

POPULAR.



ORRENDO a grande serie das manifestações affectivas, raras veses encontramos que o coração corresponda ao sentir comovido da alma.

A's comoções que as grandes obras d'arte produzem no nosso espirito, é o coração insensível. Para que elas se sintam e se comprehendam é precisa uma tranquillidade, uma quasi quietação da vida, uma serenidade intima e profunda que o coração não quer perturbar. Parece que o cerebro se esvasia de ideias para receber a impressão do belo. Parece que o coração pára para não quebrar o goso silencioso da alma. Perante a obra d'arte mais maravilhosa o coração não vibra, não sente. E' que essa admiração pertence aos dominios do cerebro, pertence á memoria onde deve ficar re-

gistado o objecto que se observa.

Perante a musica, a poesia, e a verdadeira leitura de arte, o coração parece tornar mais lentos, mais suaves os seus movimentos subordinados ao encanto do que os ouvidos escutam ou do que os olhos leem. E' o corpo a sentir os gosos da alma acompanhando-a nas suas mais delicadas concentrações.

Na oração do crente, nos extasis religiosos da alma, ele bate tambem sereno, sem em nada perturbar a serenidade do corpo.

Em todos os actos violentos, onde o corpo, com o perigo, sofre o embate inexplicavel de uma comoção violenta, o coração precipita-se num desordenado movimento, como que numa fuga da causa que produziu essa comoção. Ou seja o medo, ou perigo, ou luta, ou a fuga, o coração responde sempre. Ha casos em que se precipita numa ância desordenada, que quasi paralisa o espirito, levando ao cerebro uma pressão extraordinaria, e tornando-o incapaz de uma resolução; depois, serena, e deixa ao cerebro a faculdade de resolver. Quando o coração manda, a intelligencia desobedece. E' que ele na violencia desse movimento comprime o cerebro e torna-o incapaz de tomar uma resolução decisiva e suprema. Se o pensamento recorda a causa, novamente o coração o comprime obrigando-o a submeter-se. E' a luta do corpo e do espirito, são os segredos invulneraveis da fisiologia e da psicologia, são os misterios de todas as conjugações do sentimento.

As grandes manifestações da intelligencia são reguladas por uma conjugação entre o estado do coração e a vibração do cerebro. E' indispensavel o equilibrio estabelecido entre os dois agentes. A' serenidade de um deve corresponder a serenidade do outro. Se o coração se excita em demasia, o pensamento desordena-se e o trabalho desequilibra-se. No tra-

## CORAÇÃO

duzir ou no descrever das paixões e do amor, é o proprio coração quem excita o cerebro num crescente entusiasmo, e que leva os labios a proferir as mais deliciosas palavras, a mais harmoniosa e nobre linguagem, embora ela exprima a verdade ou a mentira. É desse crescente de entusiasmo, desse belo equilibrio entre o pulsar do coração e entre o fulgir da ideia, que nasce a eloquencia que faz os tribunos e arrasta as multidões.

No trabalho de investigação scientifica onde se torna indispensavel a mais fria serenidade e a mais fria observação, o coração e a intelligencia quasi estacionam, quasi param na mansidade que essas coisas exigem. A violencia do coração subjuga a intelligencia, torna-a tumultuosa, aggressiva, desordena-a. Dali nasce a fórma de perder a cabeça para se provar que se cedeu á violencia do coração.

No homem ha temperamentos diversos. A maior ou menor sensibilidade do sistema nervoso faz bons e maus caracteres. A educação e a intelligencia conseguem modificar o homem, mas é especialmente a idade que aos temperamentos impulsivos traz uma quasi serenidade.

A alimentação influe poderosamente nas nossas acções. A um alimento pesado corresponde um trabalho violento do coração, e como consequencia uma pressão especial do cerebro que dá o mal estar, os aborrecimentos e muitas vezes até a violencia.

Para o povo o coração é a fonte de todos os sentimentos. Tem as frases, morrer de alegria, morrer de saudades, morrer de desgostos, morrer de prazer. Para ele a alma é uma coisa áparte do corpo, conforme lhe ensinou o catolicismo.

No povo a vida subjectiva é muito menos intensa e muito mais reduzida do que é no homem culto. As sensibilidades do espirito, e, como consequencia, as sensibilidades do coração aumentam com a cultura intelectual. De cada nova incidencia resulta uma fonte de sentir, ficando o predominio, é claro, d'aquelas coisas a que o espirito se afeiçoa ou por que se manifesta preferencia. Na vida puramente intelectual, onde se vive áparte do mundo, vemos o exemplo da afirmativa. Para o musico, para o pintor, para o escultor, para o poeta, para o orador, para o literato, etc., são diversas as sensibilidades precisas para a concepção e execução de uma obra. Embora o esforço intelectual pertença á mesma unidade intima, embora para todos seja preciso um elevadissimo grau de sensibilidade, é certo que cada um só vibra, só sente, só vive sob a pressão do seu ideal.

O espirito creador dos grandes artistas resulta da sua sensibilidade em trabalho, e aquelas obras que mais nos comovem são precisamente aquelas onde o artista mais viveu, e onde a sua sensibilidade atingiu a mais alta pressão.

Para poder transmitir pela palavra, pela côr, pela fórma, pelo som, a comoção creadora, é preciso que o espirito de quem a creou se mantenha na mais completa vibração e no dominio exacto e verdadeiro da sua sensibilidade. Porque é só a sensibilidade artistica que faz completa e perfeita a criação humana, e é nessa sensibilidade que está o equilibrio, o encanto e a maravilha de uma obra.

A sensibilidade é que acusa os defeitos e os corrige; só ela pode ser o resultado do equilibrio do cerebro e do coração, e é só nesse equilibrio que a arte pode viver na sua pureza e nos requintes da sua excepção.

O artista será tanto maior quanto maior fôr o grau da sua sensibilidade, porque só ela traz as exigencias de uma perfeição impecavel.

Para o povo a sensibilidade é a soma das vibrações affectivas. Coração de pae, coração de mãe, coração amante.

## CORAÇÃO

O povo só sabe sentir no coração. É nele que se abrigam o carinho, a ternura, as saudades e o amor.

Na sua linguagem figurada, nas suas cantigas d'amor e de saudade, na sua simbologia amorosa, na sua ornamentação, enfim, o coração figura como elemento capital. E ele então, para exprimir o que o coração sente, representa-o nas diversas modalidades do seu sentir: — o coração em chamas — ardendo d'amor —; dois corações unidos — unidos no mesmo affecto —; um ou dois corações atravessados por uma seta — isto é, dominados pelo amor —; o coração com a chave — isto é, um coração cheio de amor que só uma chave pode abrir, como quem diz que só outro coração pode fazer vibrar.

Nas suas representações humanas, na ingenuidade das suas gravuras e dos seus desenhos, pinta o homem e a mulher com o coração e entre eles a chave simbólica que os pode abrir.

Perante o seu subjectivismo religioso, o coração representa a fé, a fé ardente em todas as incidencias do culto, objectivo ou subjectivo. A propria religião desde os tempos mitologicos cria o Amor — representado na ingenuidade de uma creança levando ao ombro uma aljava cheia de setas e na mão o arco com que as despedia. O coração era o objectivo do pequeno deus.

.....

### TOPICOS PARA A SEQUENCIA DO ARTIGO

No catolicismo: O Sagrado Coração de Jesus; Nossa Senhora das Dores. — Os filtros amorosos. — Santa Marta (oração a) para prender e subjugar o coração — Teofilo, V, 2, pag. 123. — Coração nas mãos (falar com o). — Coração como reliquia (embalsamado), D. Pedro IV no Porto. — Coração de pedra, coração de marmore. — Cair no coração de alguém. — Ferir alguém no coração. — Ter alguém no coração. — Ter o coração perto da boca. — Abrir o coração a alguém. — Sem coração. Não tem coração. — Copas (no jogo de cartas). — Ter cabelos no coração.

Na arte erudita: Relicarios, objectos votivos, decorações. A folha de trevo tribolado representa a estilisação do coração. — A joalheria: pedras talhadas em forma de coração — brilhantes, safiras, topasios, etc. — A ourivesaria: filigranas, etc.

28 de outubro de 1917.

M. VIEIRA NATIVIDADE.



**P**UBLICAMOS na pagina 7, junto ao primoroso artigo que o poeta Afonso Lopes Vieira nos quiz dar a honra de enviar para a *Terra Portuguesa*, o projeto do monumento a Vieira Natividade, obra do talentoso arquiteto Raul Lino.

E' um trabalho encantador de simplicidade, de nobreza e de graça, esse monumento. Raul Lino, um dos espiritos que melhor sabem compreender e amar as nossas cousas, visionou, para honrar a memoria do seu amigo, uma bela obra em que o seu coração colaborou tanto ou mais do que o seu cerebro. Bem haja!

## O MONUMENTO A NATIVIDADE

Dias depois da morte de Natividade, publiquei em as *Noticias de Alcobaça* o artigo que segue :

«Velho amigo, amigo gratissimo e fiel de Vieira Natividade, admirador enternecido da obra de um tam intenso e belo regionalismo que ele vinha criando ha tantos anos, não posso deixar de aceitar o convite que por este jornal me foi endereçado, a fim de escrever algumas palavras de comovido tributo á sua memoria.

Mas nem a comoção que ainda me toma quando penso na sua morte — inesperada para mim — nem o proprio estado da minha saude nervosa, me permitem escrever nesta ocasião um artigo em que eu dissesse toda a admiração e toda a amizade que este homem me merecia, através duma longa camaradagem espiritual, sem que jamais uma sombra projectasse nas nossas relações um minuto sequer de turbado mal-entendido. O que eu desejo sobretudo exprimir neste doloroso momento, é este aspecto da minha saudade perante o amigo morto: — que nunca compreendi, como neste caso, a razão da viuvez *duma terra*, sentindo tambem que Alcobaça tem, por sua honra, de retribuir, por modo perduravel, o amor fidelissimo, encantado, e perfeitamente consciente, que Natividade lhe votou. A frase banal — como quase todas as frases necrológicas — de que uma terra *está de lucto*, raras vezes terá atingido, como agora, uma significação mais intensa de verdade. Vieira Natividade era o filho mais amigo da sua terra; e como era dotado de excepçõais qualidades e faculdades de intelectual e de homem de acção esse amor pôde ser sublimado em palavras e em factos, em livros que perduram e em acções que foram fecundas, demonstrando tudo isso o mesmo carinho enternecidissimo, orientando-se para o mesmo norte da sua vida — o amor da sua terra. Não preciso dizer aos alcobacenses como a obra do sabio arqueologo e etnografo é uma dessas obras que marca uma gloriosa jornada nos Estudos das coisas portuguezas. Amando a sua terra e a sua provincia, Natividade amou o País de que elas fazem uma bela parte, e este seu amor, que a algum espirito estreito poderia parecer circunscrito a um regionalismo impenitente, era com efeito o mais belo e mais puro *amor da Patria*, das suas tradições, do seu povo, da sua historia e da sua arte.

Como regionalista, no sentido mais elevado dêste elevado termo, Natividade foi realmente heroico. E tam grande era já o poder envolvente com que andavam ligados o nome da sua terra e o seu nome, que não só é impossivel já agora separá-los, mas, o que é mais, sinto que, voltando agora a Alcobaça, sentirei tambem que, tendo ele desaparecido, Alcobaça não tem já a sua alma antiga, havendo-se perdido uma *força* insubstituivel. . .

Por isso, e para que Alcobaça premeie o esforço admiravel com que o seu illustre filho a soube e quis amar sempre, elevando-lhe o nome, defendendo-lhe e ilustrando-lhe a reputação, inclinando-a ao progresso e á civilização superior, estudando-lhe os monumentos de arqueologia, de folk-lore e de arte, — é necessario que essa terra consagre á sua memoria,



MONUMENTO A VIEIRA NATIVIDADE

(Projeto de Raul Lino)

## O MONUMENTO A NATIVIDADE

e por meio de subscrição local, estendida até aos amigos particulares de Natividade, um monumento erguido com affecto e realizado com bom gosto.

Quando falo dum monumento, não me refiro a uma vaidosa consagração burguesa, que desagradaria á memoria dêste homem modesto, tam inimigo de todo o exhibicionismo. Neste ensejo quero apenas sugerir este pensamento aos alcobacenses, e estou certo de que eles o hão de receber com a maior simpatia dos seus corações. Neste padrão de que falo e que Alcobaça ergueria como tributo de gratidão indelevel, não se consagraria apenas, ou nem tanto, o *homem* que agora morreu, mas a *obra* e o *exemplo* que ele impôs e deixou á sua vila e ao seu País.

Monumento singular, lavrado na pedra da região e pelos canteiros do Mosteiro, segundo um plano desenhado por um artista e em que as *flores* e os *frutos* fossem os motivos ornamentais, — Alcobaça deve-o á sua memoria, mesmo para que ela propria não esqueça nunca o amor que deve inspirar aos seus naturais, e para que estes ensinem as crianças dessa terra a deporem na sua base as flores de carinho e saudade que a memoria honrada e illustre de Natividade merece.»

Alcobaça vai erguer ao seu illustre Filho o padrão que nestas linhas lembrei, e cuja ideia — tam ardentemente acolhida ela foi — palpitava com effeito no coração de todos os alcobacenses, desde os operarios aos ricos homens.

No largo do Mosteiro, á sombra das velhas arvores, erguer-se-ha pois a sigla poetica e simbolica — o Cesto de Flores e de Frutos, e na base do padrão, que será, ele proprio, florido de flores sempre vivas, a nobre vila inscreverá a sua dedicatória espiritual. Será bem ahi, á sombra das arvores vizinhas da sua casa, e tão perto do Real Mosteiro, o lugar propicio para perpetuar a memoria de Vieira Natividade e, ao mesmo tempo, para o ter *vivo*, a ele, no proprio local onde se realizam os mercados em que se vendem os productos regionais, no meio da labuta pitoresca do povo da sua terra. E a memoria do sabio illustre e do homem bom evocar-se-ha para todos os portuguezes, como alta lição do amor da Patria. O monumento está sendo desenhado pelo illustre architecto Raul Lino.

AFFONSO LOPES VIEIRA.



COM o fim de reunir os fundos necessarios para a ereção do monumento, formou-se, em Alcobaça, uma comissão, composta pelos srs. José Sanches de Figueiredo Barreto Perdigão, Antonio de Sousa Neves, Augusto Rodolfo Jorge, Fernando Alipio Carneiro e Sá, José Henrique Vila Nova, José Emilio Raposo de Magalhães e Eurico de Araujo, que enviou para todos os amigos e admiradores de Vieira Natividade uma circular expondo os seus generosos e simpaticos intuitos.

Alcobaça que reconhece bem quanto, para a sua vida e tradições, representava o falecido escritor, acolheu com fervor a subscrição; e de todo o país tem sido igualmente numerosos os donativos. A *Terra Portuguesa* solicita dos seus prezados assinantes e leitores o seu concurso para esta bela obra, pois nunca é demais tudo quanto se faça para honrar a memoria dos que, como Natividade, trabalham toda uma vida para erguer bem alto a sua pequena patria.

# AS CABECEIRAS DE SEPULTURA E AS SUAS TRANSFORMAÇÕES



estudo dos numerosos e complicados ritos funerarios executados pelos povos de todo o mundo, revela-nos que a maioria desses ritos se baseia sobre a continuação da vida, alem-tumulo.

Segundo muitas crenças, quando o homem morre, verifica-se a divisão entre o seu corpo e a alma, ou varias almas, o duplo, etc. Alguns destes componentes ficam na sepultura; outros empreendem uma larga viagem a mundos fabulosos, que guardam sempre certo parentesco com a terra natal; outros, finalmente, podem quedar-se perto do cadaver, do seu tumulo, ou da sua casa, conservando o poder de influir, para bem ou para mal, sobre a vida e negocios dos sobreviventes.

Para realizar a penosa viagem, ou, simplesmente, para prosseguir com regularidade na sua vida de alem-campa, o morto necessita da ajuda dos que ficaram sobre a terra. O culto dos antepassados, que é a base da maioria das religiões, explica-se assim, facilmente, como o cumprimento dos deveres exigidos aos vivos pelas suas crenças acêrca da vida alem-terrestre.

Nem sempre a amizade para com o finado e o desejo de honrar a sua memoria ocasionaram certos ritos funerarios; em muitos casos, a unica causa que os originou foi o medo, o desejo de afastar o espirito do morto, de aniquilar qualquer união possivel entre ele e os viventes. Para exemplo, pôde apontar-se a incineração, praticada em diversos tempos e variadas regiões do globo, a qual foi sempre considerada uma dos remedios mais seguros de proteção contra os espiritos malignos, que tanto terror causavam a todos os povos primitivos.

A elaboração das estatuas funerarias foi, de principio, uma das mais profundas expressões da crença na vida de alem-campa.

A ideia de representar a figura do falecido encontra-se em todas as partes do mundo, seja para atrair e conservar, nessa imagem, a alma errante do morto, que poderia ocasionar danos a vivos e finados, seja para proporcionar ao espirito uma figuração mais duradoura que o proprio corpo. A ideia de levantar monumentos comemorativos do falecido, essa, é relativamente moderna.

Alguns povos depositavam as estatuas funerarias no interior dos tumulos; outros as-



FIG. 1 — FRAGMENTO DE UMA ESTELA IBERICA DE CLUNIA



## AS CABECEIRAS DE SEPULTURA E AS SUAS TRANSFORMAÇÕES

sinalavam com elas o lugar da sepultura. A diferença que existe entre estas estatuas depende apenas da diversidade das crenças religiosas, do grau de civilização, do desenvolvimento artístico, e, finalmente, da presença de material adequado à feitura das imagens. A ideia fundamental é, em toda a parte, a mesma.

Houve tempo em que na Península Iberica se confeccionaram também figuras representativas dos mortos. De taes figuras e das suas transformações, que são as estelas discoides, é que me vou ocupar no presente artigo.

Estas estelas discoides pertencem, indubitavelmente, ao numero dos monumentos funerarios mais interessantes da Península e aparecem em todo o territorio dela. Eu, porém, tratarei somente das que existem em Espanha, pois que sobre as estelas de Portugal escreveu o meu prezado amigo, Vergilio Correia o seu artigo — *Cabeceiras de sepultura medievaes*.

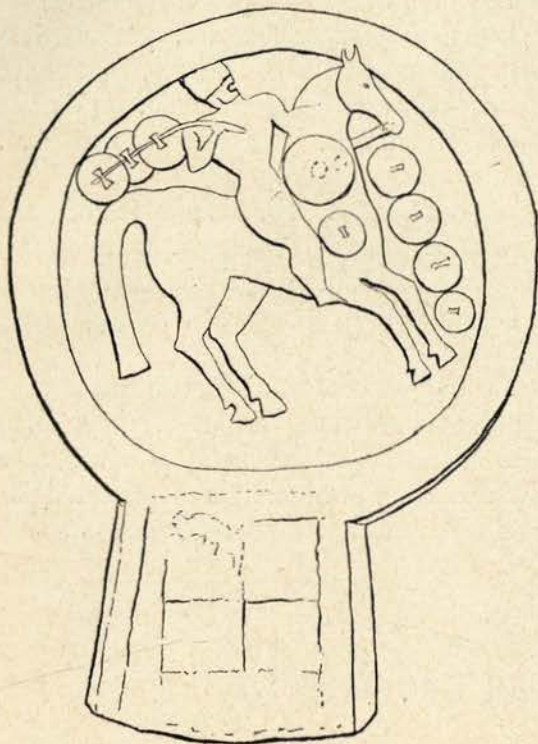


FIG. 2 — ESTELA IBERICA DE CLUNIA

tradas por um lavrador quatro estelas discoides, de calcareo. Duas delas — as que se puderam salvar da destruição —, foram publicadas pelo sr. Don Francisco Naval Ayerve (2), o qual narra, apoiado nas declarações das pessoas que as encontraram, que sobre todas elas se via esculpido um cavaleiro semelhante ao representado na fig. 2.

A figura 2 é a reprodução de uma dessas estelas. Vemos aí que o cavaleiro iberico segura, com a mão direita, uma vara, que se dobra ao passar sobre o ombro e na qual estão enfiados tres escudos, voltados ás avessas; com a mão esquerda, retém as redeas do cavallo. Sobre o corpo do animal, destacam-se dois escudos, e, à direita, mas gravados sobre

Em primeiro lugar, devo mencionar um curiosissimo fragmento de estela funeraria, procedente da antiga Clunia, capital da Celtiberia Interior, onde agora assenta Peñalva de Castro. Esta estela (fig. 1), encontrada em 1774, desapareceu, e só a conhecemos pelo desenho publicado por Hübner (1). Sobre esta pedra, que pertencia, como é presumivel, a uma estela discoide, vê-se, na parte superior, uma inscrição em caracteres primitivos, e, mais abaixo, um touro olhando para um guerreiro, representado em maior tamanho, e armado de escudo e uma espada larga. E' difícil advinhar o que significa esta representação, que talvez fosse dedicada á memoria de um lutador. Medía, de diametro, aproximadamente, 0,50 m.

Anos depois, em 1907, no local ocupado pela antiga acropole de Clunia, foram encon-

(1) Hübner — *Monumenta Linguae Ibericae* — Berlim, 1893, p. 173.

(2) *Boletín de la R. A. de la H. t. L.*, 1907, p. 433.

## AS CABECEIRAS DE SEPULTURA E AS SUAS TRANSFORMAÇÕES

o fundo da estela, ha mais tres broqueis, igualmente vistos de reverso. As dimensões desta estela são 1,15 de altura, juntamente com o pé, 0,80 de diametro, e 0,29 de espessura.

Sobre o fragmento de outra estela semelhante (fig. 3), e que devia ter uns 0,70 de diametro, nota-se, no campo, entre as patas do cavalo, uma inscrição iberica. Como muito justamente aventa o autor citado, os escudos poderiam representar os combates ganhos, ou o numero de inimigos mortos, pelo guerreiro.

Estas tres estelas, pertencentes, sem duvida, à mesma epoca, demonstram-nos que a estela discoide, na sua fórmula definitiva, existia na Peninsula Iberica já alguns seculos antes de J. C.

Encontram-se estelas do mesmo tipo em outras provincias de Espanha. Uma das mais interessantes é a que existe em Barros (prov. de Santander), perto do caminho que leva de Torrelavega a Hornos de la Peña. Esta estela (fig. 4), que mede cerca de dois metros de altura, ergue-se junto de uma ermida dedicada à Virgem da Rocha. E' lavrada nas duas faces e adornada com desenhos geometricos na borda, representando, segundo a crença popular, um ex-voto a Santa Catarina, oferecido a esta martir por uma pessoa que se salvou num desastre grave de carro. O sr. Breuil, que publicou uma nota sobre este monumento (1), sugestionado, evidentemente, pelo trabalho de Déchelette, (2) ao qual se refere, atribue-lhe signifição solar. Mas a simples comparação desta estela com outras aparecidas em toda a Peninsula Iberica permite-nos considera-la como um monumento funerario. Da sua idade, nada se pode afirmar.

O territorio, onde, mais do que em qualquer outra parte, abundam as estelas discoides, é o que abrange as Provincias Vascongadas e a Navarra. São interessantissimas as estelas circulares que encontramos em Arguineta, na Biscaia (3), deante da ermidinha de Santo Adrião, para onde foram transportadas de outras igrejas, juntamente com antigas sepulturas de pedra. Algumas dessas sepulturas teem, sobre as tampas, inscrições e datas que permitem atribui-las, com segurança, ao seculo ix da nossa era. Estas quatro estelas parecem-me, tanto pela forma, como pelos ornatos gravados nas suas faces, muito notaveis.

O disco de uma delas (fig. 5-1) está riscado por quatro linhas horisontaes e paralelas, havendo entre as duas primeiras uma outra linha, quebrada, que forma uma série de triangulos equiláteros. Noutra cabeceira (fig. 5-2), notavel pelo seu feitio autropomorfo, nota-se, no centro do

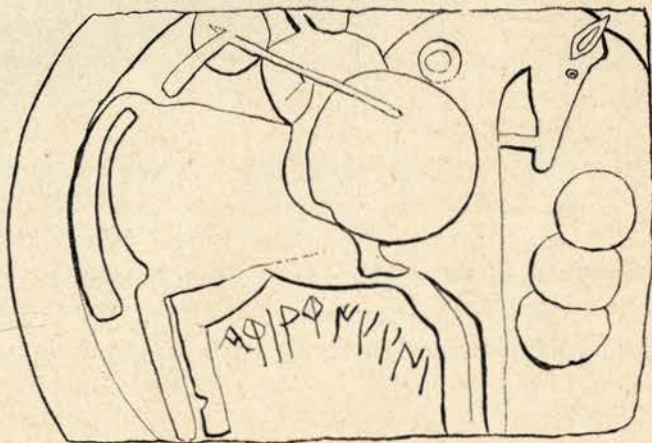


FIG. 3 — FRAGMENTO DE UMA ESTELA IBERICA DE CLUNIA

(1) H. Breuil. *La rueda de Santa Catalina de Barros (Santander)*. no «Bulletin Hispanique» 1915, p. 291.

(2) J. Déchelette. *Archéologie celtique. Age du Bronze*, 1910, p. 413-469.

(3) A. Pirala, *Provincias Vascongadas*. Barcelona, 1885, p. 583. e Dario de Areitto — *Los Sepulcros de Arguineta*. Bilbao, 1908, p. 37.

## AS CABECEIRAS DE SEPULTURA E AS SUAS TRANSFORMAÇÕES

disco, uma circumferencia orlada por uma linha sinuosa, dentro do qual se distingue claramente um círculo com uma cruz.

A terceira (fig. 5-3), está marcada com quatro círculos concentricos, com uma flor estilizada no meio. E não menos interessante é a mais pequena das estelas (fig. 5-4), de cabeceira triangular, coberta de círculosinhos na face anterior.

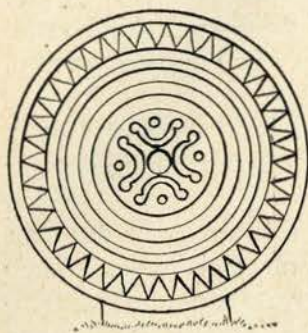


FIG. 4 — ESTELA DE BARROS (SANTANDER)

Os adornos primitivos destas estelas pertencem, indubitavelmente, ao grupo dos *desenhos para encher*, que aparecem sempre, em certa fase das estilizações, a ocupar as superfícies desnudadas pelo desaparecimento dos símbolos; a sua função é somente preencher a superfície do disco da estela. Talvez as gravuras da estela 5-1, representem uma degeneração das linhas de um rosto.

A forma de todas as estelas discoides, básicas, é quasi igual, tanto nas que procedem do territorio espanhanhol, como do francês, e as suas dimensões, segundo O' Shea, oscilam entre 1 metro e 1,50 de altura; 0,40 a 0,70 de diametro; e 0,15 a 0,20 de espessura. Muitas apresentam as duas faces esculpidas, tal como succede com as estelas portuguesas, mostrando até algumas o tronco ou o pé, adornados. O' Shea (1), que foi o primeiro que publicou a descrição e desenhos destes interessantes monumentos, é de opinião que a maioria deles procede dos seculos xv e xvi; mas alguns revelam uma origem mais antiga, que pode remontar ao seculo ix.

As estelas discoides abundam no territorio basco francês, onde se encontram principalmente nos cemitérios ruraes, em volta das igrejas. No territorio basco de Espanha desapareceram, porem, quasi por completo, tendo perdido as que se encontram, abandonadas em casas antigas, ou transformadas em marcos campestres, a sua significação funeraria.

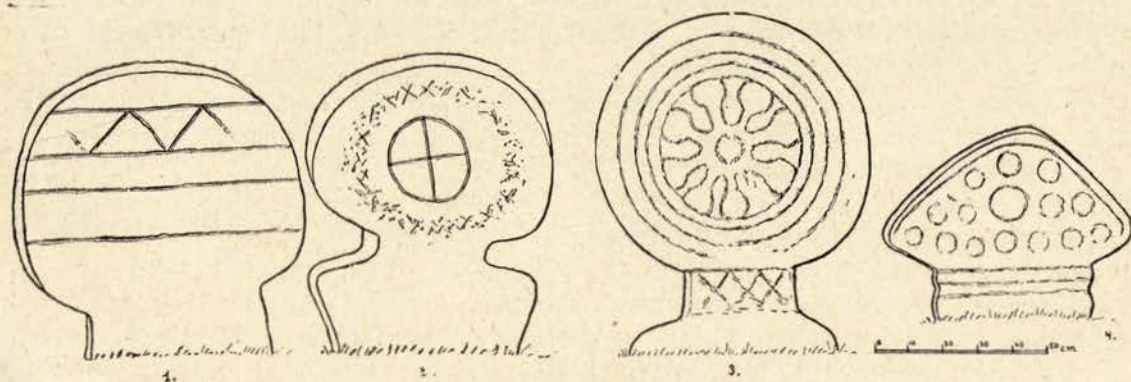


FIG. 5 — ESTELAS DE ARGUÑETA (BISCAIA)

São muito interessantes as seis cabeceiras trazidas de Estella, ha mais de trinta anos, hoje no Museu de Pamplona, na Navarra, e das quaes se desconhece a procedencia exata. Estas cabeceiras medem de diametro, no disco, de 0,30 a 0,35 (fig. 6-1 a 6).

(1) H. O' Shea — *La tombe basque* — Pau, 1889.

## AS CABECEIRAS DE SEPULTURA E AS SUAS TRANSFORMAÇÕES

Na maioria, as estelas bascas aparecem ornadas de desenhos geometricos puramente decorativos, muitas vezes inspirados pelo simbolismo religioso, como a cruz, monograma de Cristo; de estrelas, flores estilizadas, suásticas multirafadas, etc; e de figuras geometricas difficilmente compreensiveis.

Tres das cabeceiras da Estella (fig. 6-4 a 6), do Museu de Pamplona, teem esculpidas ferramentas de oficio, talvez de curtidores de peles, lembrando assim as cabeceiras do Museu de Santarem, que Vergilio Correia publica.

Encontram-se tambem estelas discoides em outras provincias de Espanha, como por exemplo em Calaceite, em Cretas, e muitos povos do Baixo-Aragão, na região de Castellon,

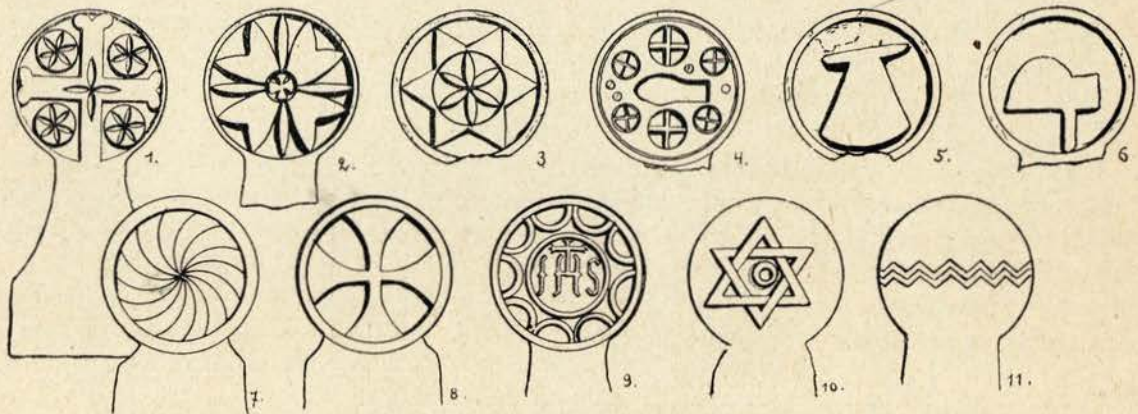


FIG. 6 — ALGUNS TIPOS DE ESTELAS BASCAS: 1-6, DO MUSEU DE PAMPLONA; 7, 8, 10 e 11, SEGUNDO O' SHEA

de Segovia, etc, quasi todas inéditas. Formam, juntamente com as de Portugal, um grupo comum de estelas discoides ibericas, que vem desde as mais antigas, de Clunia, até às do seculo xv e xvi, e talvez mais modernas, de Portugal, Provincias Vascongadas e Navarra.

Todas estas estelas discoides apresentam um tipo uniforme. Donde procede essa forma? Qual o caminho do seu desenvolvimento e degeneração?

Somente uma resposta, com documentos, nos poderá proporcionar a solução provavel acêrca do significado primitivo destes curiosos monumentos.

Apareceram na Siria (1) estelas do mesmo tipo, do seculo v da nossa era, erigidas pelo povo Nabateo, e descobriram-se em Pompeia (2) monumentos parecidos. Mas, para o nosso trabalho, teem muito maior interesse as estelas encontradas na antiga Bolonia, hoje quasi todas recolhidas no belo Museu da velha cidade italiana (3).

Algumas destas, da epoca de Villanova, comprovam a sua derivação da tosca repre-

(1) *Rapport sur une exploration archéologique au Néger*. (C. R. Acad. Inscr, 1904. p. 300).

(2) Daremberg y Saglio — *Dicc*, palavra *Sepulcrum*, p. 1233.

(3) Albert Grenier — *Bologne Villanovienne et Etrusque VIII-IV siècle avant notre ère*. (B. des Ecoles fr. d'Athènes et de Rome, Paris 1912). Zannoni — *Gli Scavi della Certosa* — 1876. pl. C.

## AS CABECEIRAS DE SEPULTURA E AS SUAS TRANSFORMAÇÕES

sentação de figura humana. Bem claros, na parte superior de um certo numero delas, os traços de caras, aparecem noutras já estilizados, embora reconhecíveis. De principio, nas estelas mais antigas, a cabeça guarda proporções harmoniosas com o corpo, representado por um quadrilátero.

Mas, desde o momento em que o disco que coroa a estela perde a sua significação de cabeça humana e serve de simples campo de ornamentação, vemos constantemente aumentar a sua superficie. Concomitantemente, o corpo da estela diminue e, por fim, degenera num pésinho estreito, que, em alguns casos, desaparece por completo debaixo da terra.

Comparando entre si as estelas etruscas de Bolonha, notamos que varias apresentam o disco repartido em zonas por linhas paralelas e horizontaes, zonas em que o escultor representou, separadamente, scenas funebres e outras. Suponho que este modo de aproveitar a superficie do disco foi a causa mais poderosa da eclosão das typicas lapides etruscas em forma de ferradura prolongada. Uma vez perdida a significação do disco e abandonada a sua ornamentação concentrica (circulos, estrelas, suásticas, cruces, flores, etc.), para se passar á ornamentação composta de faixas paralelas, a forma circular estorvava. Assim se explica a troca do disco pela oval, e a desta pela forma de ferradura alongada.

Fica assim exposta toda a evolução das primitivas estelas funerarias de Bolonha, iniciadas em pedras toscas, com caracteres antropomorficos em esboço, e que, sem chegarem á fase da estatua, degeneraram na forma discoide, e desta na de ferradura.



FIG. 7—ESTELA FUNERARIA  
DE CÁRQUERE (PORTUGAL)

Conhecemos já as estelas discoides da Peninsula Iberica, demonstramos a existencia de formas iguaes em outras regiões do Mediterraneo, e sabemos que existem na Irlanda, na Escocia (1), na Noruega e na Suecia (2) monumentos parecidos.

Está, portanto, aberto o caminho a combinações faceis e hipoteses historicas sobre influencias, migrações, etc. O nosso modo de ver, porem, não nos permite aproveitar esta ocasião de luzir entre conclusões brilhantes.

Supomos, apoiados em documentação segura, que a representação da figura humana, tal como a vemos nas estelas de Bolonha, Siria, Portugal e Espanha, é inata ao espirito do homem em determinadas fases da sua cultura artistica, e que, por conseguinte, pode ter-se desenvolvido espontaneamente em regiões diversas. Como prova da asserção, apresentamos a curiosa mudança de estela representando a figura humana, na estela discoide estilizada, que podemos verificar nos monumentos funebres das tribus dos Wa-Nyika, que vivem no Este Africano, desde o rio Tana até á fronteira anglo-alemã (3). Os ex-votos encontrados

(1) H. O' Shea — *Obra cit.* p. 53.

(2) O. Montelius — *Das Sonnenrad und das christliche Kreuz* (Mannus — I, 1909. p. 174, figs. 53,60).

(3) A. C. Hollis — *A note on the graves of the Wa-Nyika* (Man, 1909, p. 145).

## AS CABECEIRAS DE SEPULTURA E AS SUAS TRANSFORMAÇÕES

em Halatte (1), na França, procedentes dos primeiros quatro seculos da era cristã, as placas de schisto de Portugal (2) e de outras partes, e, por fim, o interessante monumento funerario da epoca romana, proveniente de Cárquere (3), existente no Museu Etnologico, de Belem, servem de solido apoio á nossa suposição de que a representação da figura humana pode nascer, independentemente, em lugares muito afastados.

Julgamos que tambem na Península Iberica se pôde seguir toda a evolução deste monumento, surgido aqui como uma das expressões das crenças dos indigenas, sobre a morte.

O monumento funerario procedente de Troitosende (Coruña) (fig. 8), que se conserva no Museu de Pontevedra, apresenta certas afinidades com as estelas discoides. O sr. Cabré, que o descreve, chama-lhe, sem razão, *estatua-menhir*, afirmando a relação que equivocadamente supõe existir entre ela e os menhirs francêses, em especial com um de Collogues (4). Esta estatua possui uma cabeça de contorno circular, apresentando o resto do corpo a forma de retangulo. Da parte superior do contorno relevado, desce uma linha vertical, que indica o nariz. O estado de erosão da pedra dificilmente permite vislumbrar a existencia dos olhos e da boca.

Facil se nos antolha a passagem deste monumento ás estelas discoides. E parece-me tambem que não é difficil relaciona-lo com as celebres estatuas sepulcraes de guerreiros, encontradas no norte de Portugal e na Galiza (5), obras mais artisticas que a estatua de Troitosende, e em que a figura humana se aproxima dos *xaonas* e *kouroi* helenicos, cuja evolução originou as sublimes estatuas gregas (6). A estatua de Capelludos, que representa um guerreiro em meio corpo (7) e que está no Museu de Belem, ocupa um lugar de transição entre estes monumentos e as estelas discoides de Portugal.

Podemos tambem mencionar aqui alguns casos interessantes da passagem da estela discoide para outras formas de monumentos funerarios. Em primeiro lugar, duas estelas que conservam a primitiva forma de disco: uma cabeceira circular, Luriezo, prov. de Santander (8), com uma inscrição romana do seculo III da epoca cristã (segundo a opinião de Hübner — *Obra citada*, p. VII-IX), e desprovida de ornatos; e uma outra lapide parecida, tambem com inscrição romana, proveniente de Cofiño, nas Asturias (9).

Em segundo lugar, lapides mais ou menos retangulares, sobre cuja superficie aparece gravada, claramente, a forma primitiva da estela discoide,—por exemplo—a pedra sepulcral segobrigense da epoca romana (sec. I), encontrada em Cabeza del Griego (fig. 9), que tem

(1) E. Espérandieu. *Recueil général des Bas-reliefs, statues et bustes de la Gaule romaine*. Paris 1913. T. V. p. 131.

(2) Vergilio Correia — *Os Idolos-Placas, na Terra Portuguesa*, V. II. p. 29 (1917).

(3) Leite de Vasconcellos — *Arch. Português*, T. V. p. 211.

(4) J. Cabré. *Extracto del avance al estudio de la escultura prehistorica de la Peninsula Iberica* (Annaes Acad. Politecnica do Porto — XII. 1917).

(5) Pierre Paris — *Statues lusitaniennes de style primitif* (Arch. Port. V. VIII. p. 1), e L. de Vasconcellos — *Religiões de Lusitania*, vol. III.

(6) Deona — *Les Apollons Archaiques*, p. 17, e M. Collignon — *Les statues funéraires dans l'art grec*. Paris. 1911.

(7) Leite de Vasconcellos — *Arch. Port.* VII. p. 24.

(8) Fidel Fita. *B. de la R. A. de la Historia*, 1912, p. 452.

(9) Fidel Fita. *B. de la R. A. de la Hist.*, T. XIII, 1888, p. 170.

## AS CABECEIRAS DE SEPULTURA E AS SUAS TRANSFORMAÇÕES

gravado um ornato com a forma de estela discoide, sendo o disco ocupado por uma roseta, e o largo corpo que a sustem, pela inscrição (1).

Nesta pedra encontramos a prova cabal de como a forma mais complicada e mais difficil de executar da estela discoide se transforma na forma singela da tabela inscricional, conservando, contudo, nos primeiros momentos da sua evolução, a forma da estela primitiva gravada sobre a sua superficie.

A degeneração da estela discoide em adornos diversos, que, com o andar do tempo, vão perdendo a sua significação primitiva, segue, afinal, o mesmo caminho, percorrido ainda hoje pelo espirito humano, a qualquer raça que pertença, nas estilizações populares.

Para a nossa analyse utilizaremos as estelas procedentes da ampla região da bacia do Douro, publicadas pelos srs. Fidel Fita, Gomes Moreno, Pereira Lopo e Leite de Vasconcellos (figs. 10 e 11). Todas estas estelas pertencem ao mesmo grupo, e procedem de um periodo de romanização, em que os indigenas haviam adótado a lingua, a escrita e as formulas dos dominadores, mas em que se conservava, bem vivo, um fundo peculiar de tradições.

Na parte superior da maioria delas, vemos, claramente gravadas, as estelas discoides com os seus ornatos de suásticas multiraiadas, os quaes, como atraz deixamos dito, surgiram sobre as cabeceiras como recheio tipico e ingenuo da parte redonda, apenas se perdeu nelas a significação da face humana (fig. 10-1).

As estelas de Picote e Duas Igrejas (Miranda do Douro) documentam-nos admiravelmente sobre o modo como se verificou a divisão da representação da estela discoide em duas partes, a cabeceira e o pé, os quaes vão degenerando, uma, num simples circulo com suástica, o outro num letreiro. Dos ornatos da parte inferior das lapides falaremos adeante.

A estela de Picote (fig. 10-5) apresenta-nos a cabeceira e o pé divididos. Unindo as duas partes separadas, formariamos uma tipica estela discoide. A forma do letreiro-pedestal, com recortes na parte superior, ou na inferior, encontra-mo-la sobre outras lapides. Por fim, desaparece toda a ligação entre o letreiro e a cabeceira.

A estela de Iecla (fig. 11-5) apresenta gravada, sob o suástica, uma linha recta, horizontal, voltada para cima, em anglo recto, nas extremidades. Não se trata de um simbolo inexplicavel, mas da simples indicação do estreitamento do pedestal da estela discoide.

Em muitas outras estelas, em lugar desta linha seguida, encontra-se o seu desdobramento em um par de esquadros simetricos, que, inconscientemente repetidos por outros executantes, acaba por tornar-se um ornato independente, destinado a preencher as superficies desadornadas, que ocasiona a visinhança de duas figuras, uma circular, outra quadrangular. O sr. Leite de Vasconcelos (2) considera estes emblemas angulosos, luas estilizadas. Su-

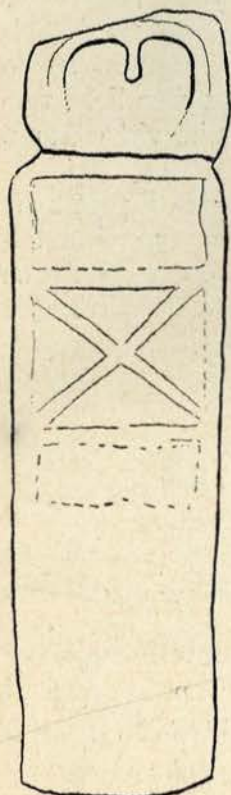


FIG. 8—ESTATUA FUNERARIA DE TROITOSENDE (CORUÑA)

(1) Pelayo Quintero Atuari. *Ucles*, P. II. Cadiz, 1913, p. 105.

(2) *Obra cit.*, T. III. p. 407.

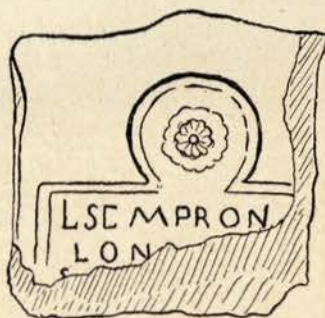
## AS CABECEIRAS DE SEPULTURA E AS SUAS TRANSFORMAÇÕES

ponho que, neste caso, não é acertada a significação proposta pelo ilustre arqueologo. Sobre outras estelas, vemos estes mesmos motivos decorativos, em posições diversas, empregados quando se dá o alargamento da superficie da estela.

Sobre algumas lapides funerarias romanas da Região do Douro, especialmente nas leonesas (1), nas de Carmona (2), e outras, notamos que o disco da cabeceira está envolvido por um arco de ferradura, apoiado sobre colunas, que se erguem de cada lado da estela. Este adorno, que não tem nada que ver com o arco de ferradura arquitetónico, foi tomado erradamente por varios autores (3) como testemunho irrecusavel de que este era usado, não já, como se pensava, desde o seculo VII, mas desde o começo do seculo VI, e ainda no II, provavelmente, na metade S. O. da Península. O estudo comparado de varias lapides funerarias conservadas no Museu Arqueologico, de Madrid e no de San Marcos, de Leon, e o conhecimento dos exemplares reproduzidos na literatura citada permitem-nos deduzir que este arco de ferradura em questão é um simples adorno, que serve para ligar as partes distintas da decoração.

Sobre a parte inferior de varias estelas da região do Douro encontramos uns ornatos constituídos por barras gravadas, paralela e verticalmente, em numero de duas ou tres (figs. 10 e 11) (4). Algumas são arredondadas na parte superior, noutras definem-se as curvas do arco de ferradura. Diversas explicações teem sido apresentadas acêrca destas figuras. Uns viram nelas representações de uma ponte, indicação geografica, outros, as portas por onde se passa para o outro mundo, baseando esta hipotese na existencia de portas sobre os monumentos funerarios romanos. Nesta ultima explicação (5) encontramos um exemplo clasico das transplatações perigosas das ideias romanas e gregas para territorio alheio.

Comparando entre si todas as conhecidas figuras desta classe, ocorre-nos que representem figuras antropomorficas degeneradas, que nos seus contornos se aproximam muito da forma das proprias estelas discoides. Uma das lapides tumbaes de Picote (fig. 10-5) mostra-nos, no mesmo lugar, duas figuras huma-



[FIG. 9]—[ESTELA ROMANA DE CABEZA DEL GRIEGO]

(1) Fidel Fita. *Museo español de Antigüedades*, T. I. p. 449, e T. IV. p. 632 e *B. de la R. A. de la H.*—T. LXXII 1918, p. 135.

(2) *B. de la R. A. de la H.*—T. LIV, 1909, p. 34, e T. L. p. 496, e *Relig. da Lusit*, III. p. 300.

(3) Gomez Moreno. *Excursion através del arco de herradura*, na «Cultura Española» 1906, p. 786.

(4) Não posso deixar de recordar aqui que, sobre muitas estelas punicas desenterradas em pontos onde a influencia cartagineza se fez sentir, aparecem, representados em baixo relevo, na mesma posição que ocupam nas estelas ibericas, uns ciposinhos em numero de 3, ou seus multiplos, ou, mais raramente, em numero de 4 ou 5. Cfr. os trabalhos de P. Gaucler — *Nécropoles Puniques de Cartage*. Paris 1915, e Ph. Berger, *Revue Archéologique* 1884, p. 210.

(5) Leite de Vasconcelos — *Obr. cit.* T. III. p. 438.



## AS CABECEIRAS DE SEPULTURA E AS SUAS TRANSFORMAÇÕES

nas, que, na sua tosca execução, lembram outras, consideradas por arcos de ferradura ou portas, e, entre elas, uma especie de urna ou cesto grande, que as citadas figuras transportam. A significação desta scena não pode ser mais clara: são as pessoas destinadas a servir o morto,

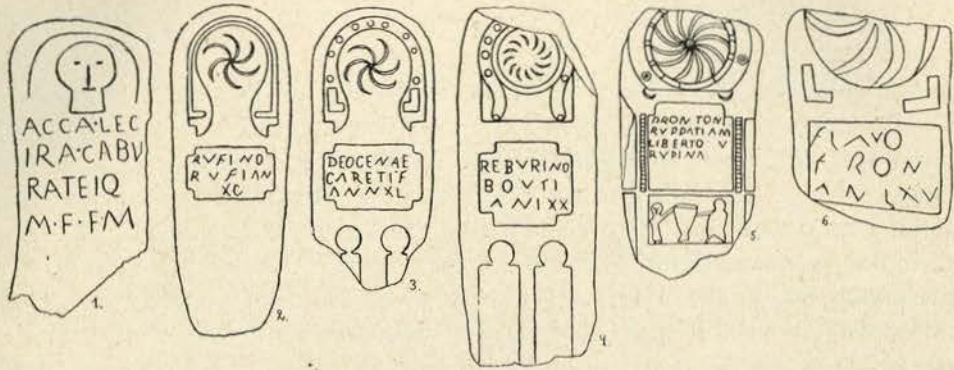


FIG. 10 — ESTELAS FUNERARIAS DA ALTA BACIA DO DOURO: 1, DE AVILA («B. DE LA B. A. DE LA H.», T. 62, P. 538); 2, 3, 4 E 5, DE PICOTE — MIRANDA DO DOURO («ARCH. PORT.» V, 144); 6, DE LAGOMAR — BRAGANÇA («ARCH. PORT.» VI, 98)

a levar-lhe o alimento necessario á sua vida de alem-tumulo. Talvez que, nos outros casos, vejamos, estilizadas, as pessoas que vão a acompanhar o finado, como as mulheres, creados, etc. Numa lapide de Babe (1), sobre tres barrinhas prolongadas, e em baixo relevo, divisam-se traços de tres figuras humanas.

Como sempre sucede na arte popular, uma representação definitiva, perdendo, a pouco e pouco, a sua significação arcaica, morre em estilização insignificante. Assim viemos encontrar, portanto, sobre a propria lapide funeraria, outro caso de degeneração da ideia primitiva.

Certas destas figuras estilizadas revestem aspéto de construções arquitetonicas, que depois passaram a ser cultivadas conscientemente como ornatos (estelas leonezas). Sobre algumas, a ligação dos discos com o corpo estabelece-se intimamente (fig. 10-3); sobre outras, porem, as duas partes separam-se, formando os discos uma especie de oculos, que sobrepujam as barrinhas (fig. 11-2).

Resumindo quanto se disse no artigo, conclue-se que, no principio, as estelas discoides foram representações do morto, cuja sombra, ou duplo, poderia encontrar em tal figuração o seu descanso eterno e necessario. Em alguns pontos da Peninsula, essa tosca representação chegou á estatua; noutras, sofreu todas as fases da estilização natural, perdendo a sua significação primitiva e trocando as dimensões respéttivas do disco e do pé. A decoração concentrica do disco originou, em certos casos, representações secundarias, como a figura do morto, objectos do seu officio, ou simples letreiros.

Em certas regiões, o cruzamento com munumentos de outro tipo ou a sua indicação sobre a pedra ampliada no sentido da largura, fizeram desaparecer e diluir numa ornamentação anodina o primitivo carater da estela.

(1) *Arch. Português* — vol. III, pg. 224.

## AS CABECEIRAS DE SEPULTURA E AS SUAS TRANSFORMAÇÕES

Comparando, com cuidado, todos os monumentos citados, alcançaremos elementos suficientes para resolver a questão, bastante complicada, da transformação que sofreram as estelas discoides na Península Iberica.

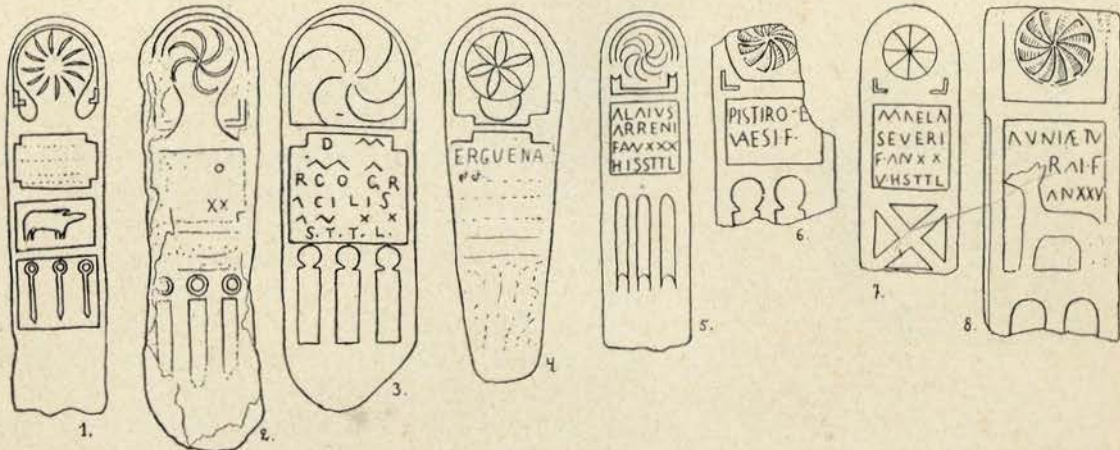


FIG. 11 — DA REGIÃO DO DOURO: 1, DE ARGOSSELLO — BRAGANÇA («ARCH. PORR.» VI, 97); 2, DE DUAS IGREJAS — MIRANDA DO DOURO («REV. LUS.» I, 68 e «REL. DA LUS.» III, P. 417); 3, DE BRAGANÇA («ARCH. PORT.» XI, P. 83); 4 E 5, DE IECLA LA VIEJA; 6, DE S. VITERO; 7, DE CABEZA DE S. PEDRO; 8, DE RABANALES («B. DE LA R. A. DE LA H.», 45, P. 157-8).

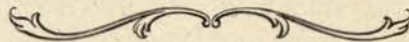
Vieram a este territorio, ou passaram por ele, cruzando-o em todas as direcções, raças distintas e povos variados; mas a ideia eterna acêrca da vida e da morte, oculta na propria natureza da Península, impressionou a todos, imprimindo nas crenças o selo da sua força misteriosa.

Fossem elaboradas aqui, ou houvessem sido trazidas de longe, as religiões que se sucederam não se destruíram totalmente umas ás outras. De todas ficaram sempre numerosos e variados elementos, que, lentamente e por gráus, se foram substituindo, formando todas estas sobrevivências religiosas uma teia admiravel, fiada e tecida segundo as eternas leis da Natureza.

(Figuras 1 a 6, e 8 a 11, segundo desenhos do autor. Figura 7, segundo um desenho de H. Santos Junior.)

Madrid — 1918.

EUGENIUSZ FRANKOWSKI.



## CABECEIRAS DE SEPULTURA MEDIEVAES



DESDE tempos remotos que o homem, para comemorar o passamento de outro homem, notavel por seus feitos e ações, ou caro ao coração dos agregados familiares, fixou em materiaes de duração as figuras dos desaparecidos ou os adornos, armas e instrumentos indicativos da sua profissão ou dignidade, collocando-os perto do local da jazida, como uma religiosa, perene e saudosa homenagem. Este costume chegou até nós, atravez de mil transformações, radicado e vivo, eternamente moço.

A gravura do homem nú, aurignacense, que dispara o arco no abrigo de Laussel (Dordogne), é talvez a primeira representação funeraria em que se figura o rei da criação, nas suas funções nobilissimas e primicias de caçadôr. Dessa epoca em diante, não rareiam os documentos. Entre os neolíticos, collocavam-se nas sepulturas as armas de pedra, indicando o homem, as mós braçaes de granito ou conglomerados, denunciando a mulher. Na idade do bronze, as cistas sepulcraes cobriam-se com lages insculptadas de armas de guerreiros (Museus de Beja e Etnologico). As estelas funerarias etruscas, da idade do ferro, com correspondencias na arqueologia iberica, mostram-nos os combatentes armados, ou as suas armas dispostas isoladamente.

Até aqui, só o guerreiro valia, era digno da comemoração monumental. Com os romanos, surge, porem, nas estelas, a revelação da importancia dos officios da paz, ao lado da das artes da guerra. Aparecem os instrumentos de officio. As lapides reproduzem, em relevo, as ferramentas de que o morto se serviu em vida: — uma só, a enxó, como numa estela do Cairo; ou todas, como sobre a pedra tumular de um *tignarius* (marceneiro) de Autun (Fig. 2) (1). No cipo de L. Statorio Bathylo, aparecem, no fundo, um fio de prumo e um compasso (2). No de um outro marceneiro grego, *lectarius* (fabricante de camas),

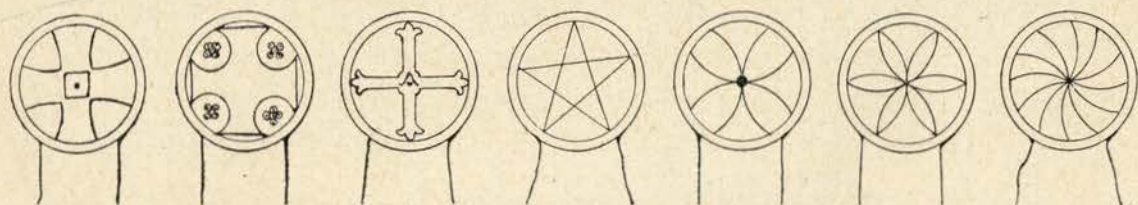


FIG. 1 — N.ºs 1 a 7.— TIPOS USUAES DE CABECEIRAS DE SEPULTURA PORTUGUESAS

vemos a enxó, o compasso, o esquadro (Fig. 3) (3). Já nos tempos cristãos, sobre o sarcophago de um arquiteto, ostentam-se todos os instrumentos indispensaveis nessa arte (4).

(1) *Dict. des Antiq.*, de Saglio, letra T. p. 335; (2) *R. Accademia dei Lincei*, 1896, p. 156; (3) *Dict. des Antiq.*, de Saglio, letra R. p. 898; (4) M. Didron, *Iconographie Chr.*, Paris, 1848, p. 340.

## CABECEIRAS DE SEPULTURA MEDIEVAES

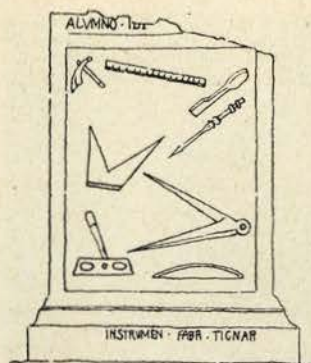


FIG. 2 — CIPÓ DO «TIGNARIUS»

Seculos caídos, generalizam-se, com a mesma intenção comemorativa, as cabeceiras de sepultura, circulares como as hostias, destinadas a sagrar as campas dos adros e dos cemiterios rusticos, anteriores ás inhumações nos templos. São esses documentos, interessantissimos sob o ponto de vista archeologico e etnografico, que constituem o assunto deste estudo. Não é sem razão que se diz que, estudando as sepulturas dos povos desaparecidos, se pôde fazer a sua historia...

Encontram-se estas cabeceiras de sepulturas, com grande frequencia, junto das velhas igrejas. Raro será que não deparemos com algumas nos pavimentos ou nos adros dos templos romanicos, goticos e manuelinos, que enxameiam pelas nossas provincias, em especial nos do centro e sul. Os museus, centraes ou regionaes — Lisboa (Carmo e Etnologico), Santarem, Evora, Beja, Figueira da Foz — guardam tambem grande porção delas. Ha mesmo lugares onde as cabeceiras continuam a sua religiosa função multiseccular. Vi-as, não ha muito, erguidas sobre campas dos cemiterios de S. João das Lampas e de Santa Iria (termo de Lisboa).

A que época devemos atribui-las? Sem duvida aos tempos medievaes posteriores ao seculo x. O seu uso prolongou-se, depois, até ao seculo xvii.

A cruz dos n.ºs 1 e 6 da fig. I não tem nada a fórma de cruz de Cristo, como erroneamente escreveu Leite de Vasconcelos (*Arch. Port.*, v. I, p. 280), mas sim a da cruz que aparece na arte cristã da antiguidade e, a seguir, nos periodos visigotico (lapides de Mertola e de Beja) e romanico. São deste tipo as cruzes que encimam ainda os telhados de algumas igrejas romanicas do norte (Nossa Senhora da Azinheira, Chaves).

A cruz do n.º 3 da fig. I (Museu de Evora) pertence evidentemente ao seculo xv. No Museu do Carmo existe uma cabeceira, que tem lavrada, duma banda, uma combinação de dois triangulos (não o sino saimão) e, da outra, uma cruz, que não pode deixar de ter sido gravada no seculo xvii.

Como se vê, do simples exame da forma do sinal sagrado do cristão, se podem tirar conclusões acêrca da sua cronologia.

E' possivel que, posteriormente ao seculo xvii, se lavrassem ainda cabeceiras de sepultura deste genero. Devemos, porém, considera-las como prolongamentos etnograficos de costumes perdidos, sobre que não vale a pena insistir.

Ao problema da atribuição de época a estas pedras funerarias, deve ligar-se o da cronologia das sepulturas com o feitio do corpo humano, abertas em rocha, sobre as quaes ainda nenhum archeologo se quiz pronunciar definitivamente.

Filipe Simões, certamente levado pela semelhança que existe entre essas sepulturas e os sarcofagos fenicios (Cadiz) e egipcios, julgou-as pré-romanas.

Leite de Vasconcelos, fundando-se em que uma sepultura de Zambulleira (Moncôrvo) tinha escrito no fundo *vivi*, chega, por deduções filolo-

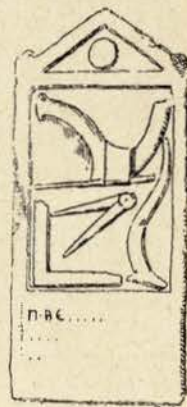


FIG. 3 — CIPÓ DO «LECTARIUS»

## CABECEIRAS DE SEPULTURA MEDIEVAES

gicas, a considera-las romanas, cristãs (1). Martins Sarmiento, aproximando-se mais da verdade, escreveu numa carta (*Arch. Port.*, v. VI, p. 46) que, em «sua opinião, as sepulturas em rocha já pertencem ao periodo post-romano». De resto, esteve quasi a achar a verdadeira solução do caso, quando se referiu á sepultura de Alpendurada (*Arch. Port.*, v. VI, p. 191).

Uma serie de circunstancias, dignas de ponderação, leva-me a poder afirmar, porém, que estas sepulturas são pura e simplesmente medievas, e, em grande parte, posteriores ao seculo x. Fundo-me para este asserto:

I — Na visinhança de templos medievas e de cemiterios de sepulturas antropomorficas.

II — Na existencia de sarcofagos com a mesma fórmula, em edificios románicos e góticos (claustros das sés de Coimbra e Lisboa, etc.).

III — Na existencia de sepulturas abertas na rocha a cuja cabeceira ou pés existem cavidades oblongas, evidentemente destinadas a receber os espigões das pedras ornamentaes de que me ocupo (2).

Se grandissima parte das pedras de cabeceira apresentam, em ambas as faces, gravadas apenas as cruzes, as rosetas, os suasticas e os sino-saimões — tudo sinaes de carater sagrado e de remota ascendencia —, muitas outras apparecem decoradas com representações de utensilios e ferramentas indicativas do sexo ou occupação dos inhumados. Assim, surgem, no reverso das pedras, as juntas de bois, os arados, as tesouras, os fusos e as rócas.

Excèccionalmente, vi, em Sousel, uma cabeceira gravada com um calix romanico e duas cruzes da mesma epoca (Fig. 9), que estão indicando claramente a profissão eclesiastica do finado.

(1) *Arch. Port.*, v. XI, p. 370.

(2) Num cabeço sobranceiro a Povos (Vila Franca), existe, ao lado da capela gotica do Senhor da Boa Morte, um vasto cemiterio de sepulturas abertas na rocha, que foi estudado por Ferraz de Macedo e por ele attribuido, indevidamente, á epoca romana. Aos pés de muitas das sepulturas que ainda perduram, divisam-se as taes cavidades destinadas a segurar as pedras das cabeceiras. No cabeço, que está rodeado por uma muralha igualmente medieval, teem apparecido moedas do seculos XII e XIII.



FIG. 5 — A DOBADOURA, A ROCA E O FUSO



FIG. 4 — CABECEIRAS DE SEPULTURA DO MUSEU DE SANTAREM

## CABECEIRAS DE SEPULTURA MEDIEVAES



FIG. 6 — MUSEU DE SANTAREM

No Museu de Beja ha duas pedras com tesouras abertas, denunciando o alfaiate; no de Evora, uma junta de bois, gravada no reverso da cabeceira n.º 3 da fig. I. No Museu de Santarem (1) existe a serie mais interessante que se conhece em Portugal. Uma das cabeceiras (fig. 4) mostra, de uma banda, a canga — a mesma canga hoje usada na parte oriental do país —, a grade, e o timão que arrasta essa grade, provido da respetiva chavelha; no reverso, aparecem o arado, ligado á canga, a aguilhada, um escopro, a machada, o maço, um sacco de cereal e um cesto para a sementeira. Noutra (fig. 6), é o proprio lavrador, vestido com um saio, como uma figura dos seculos XIV-XV, empunhando a aguilhada com a dextra, e segurando um cesto com a esquerda, que segue a sua junta de bois jungidos ao arado.

A dobadura, a rôca com as suas aduelas, e o fuso com o seu *cossoiro*, igual á *cacharêla* das terras de Miranda, indicam, noutra cabeceira, as occupações femininas da destinatária (fig. 5).

Taes cabeceiras, que Gabriel Pereira classificou como do seculo XV, teem um valôr etnografico incalculavel. Aparecem-nos ali os objetos de uso agricola ou domestico, desenhados com fidelidade, embora rudemente, tal como se usavam ha quatro ou cinco seculos.

E, a proposito das cabeceiras adornadas com alfaias agricolas, surge-nos um problema de interesse: o do desaparecimento de algumas d'essas alfaias do uso comum hodierno.

Como se nota nas figuras 4 e 6, entre as peças que fazem parte do trem agricola do lavrador, contam-se as machadas, os maços e o cesto de semear. Ora estes tres objectos já hoje raramente se encontram reunidos em qualquer das nossas provincias, O maço usam-no principalmente os lavradores do Minho, com o cabo enfiado n'um buraco do timão do arado, perto do *pescaç*. O machado, não ha junta de bois do oriente de Traz-os-Montes, desde Moncôrvo a Vinhaes, que o não leve cravado na *cantelra* ou *gata* de ferro, do reverso do

(1) Proveem da freguezia das Olaias, concelho de Torres Novas, e foram achadas em 1873 quando preparavam um terreno para cemiterio. Cfr. Zeferino Brandão — *Monumentos e lendas de Santarem*, pag. 478. e G. Pereira — *O Museu Distrital de Santarem*, no *Bol. da Ass. dos Arq.*, 4.ª serie, n.º 8, p. 7.

Nas «Informações archeologicas colhidas no *Diccionario Geographico*, de Cardoso» publicadas pelo sr. Dr. Mesquita de Figueiredo no *Archeologo*, encontram-se as seguintes referencias a respeito da igreja de Santa Marinha de Aljubarrota (vol. I, pag. 242):—«Divisão-se ainda hoje no seu adro as sepulturas com as pedras lavradas por cabeceiras, com varios instrumentos de officios esculpidos, como são, arados, e outras insignias deste genero».

Nos «Extratos archeologicos das *Memorias Parochiaes* de 1758», publicados na mesma revista (vol. II, pag. 187), aparece, a respeito da igreja da N. S. da Conceição, ou da Serra, de Alqueidão, o seguinte: «Pela parte de fora da Igreja se achão algumas pedras como que servirão de campas, lavradas já com rocas e fuzos, e já com arados e instrumentos de agricultura».



FIG. 7 — SEMEADOR ROMANO

## CABECEIRAS DE SEPULTURA MEDIEVAES

jugo. O cesto de semear aparece com uma certa frequencia no Entre Douro e Minho, tanto na *ribeira*, como na *serra*. Na feira de S. Bartolomeu, em Penafiel, vi, á venda, grande porção de *cestas de semear*, de cortiça, feitas na freguezia de Raimonde.

O sistema de semear com cesta encontra-se entre os romanos (fig. 7), ao lado do outro sistema de semear com saco (*Dict. des Antiq.*, de Saglio, palavra *Rus*, pag. 923). O aparecimento de cestas nas cabeceiras de sepultura indica que o sistema adótado, ao tempo, no paiz, ou, pelo menos, na região ribatejana — a freguezia de N. S. do O' da Olaia pertence ao concelho de Torres Novas —, era o de sementeira á cesta. Nas minhas excursões por Traz-os-Montes não raro ouvi dizer que, antigamente, se *sementavam* sempre com cesta o centeio, o trigo, etc. Agora, para o grão não cair, servem-se de *latos* ou dos sacos.

Pertencem exclusivamente a Portugal estas curiosas cabeceiras de sepultura ?

Evidentemente que não. Encontram-se iguaes e adornadas dos mesmos signos de misteriosa origem nos paizes bascos. Pereira de Lima, no seu livro *Iberos e Bascos* (Lisboa, 1902), reproduz algumas e afiança que as mais antigas delas remontam aos seculos VIII, IX e X. Na Hungria e Balkans (Bosnia Servia, Bulgaria, Transilvania), nos cemiterios ruraes, apparecem estelas ou postes de pedra e madeira (*speerhölzer* e *fejfa*) com ornamentos e figuras semelhantes aos das nossas cabeceiras (1). Na Asia, na America (2), entre os povos de civilisação oriental ou entre os selvagens, encontramos enraizado o mesmo costume.

O habito de colocar á cabeceira das sepulturas pequenos monumentos em que se lembrem o morto e as suas occupações é, portanto, não só de remota origem, como se disse no começo, mas, ainda, universal. A fórma especial das cabeceiras tumulares de Portugal, com correspondencias em toda a Europa meridional, derivou, em linha recta, das estelas romanas adornadas de crescentes, suasticas e rosetas sexifolias, tão vulgares no nosso paiz e de tipos tão puros, em especial na Terra de Miranda e sua vizinha Leon.

A generalização dos enterramentos no interior das igrejas determinou a extinção do costume das cabeceiras lavradas com ferramentas de officio. Conheço, porem, casos de aparecimento dessas ferramentas, mesmo em lages tumbaes retangulares.

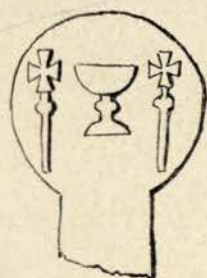


FIG. 9 — DE SOUSEL.

Na igreja de Santo Amaro, em Beja, existe uma lage tumular em que se veem gravados os instrumentos da arte de ferrador. E na igreja conventual de S. Bento de Avis, sobre uma pedra tumular em feitio de almofada, divisa-se uma tosca relha de arado, que claramente atesta a honra em que «Manuel Luiz, lavrador, natural de S. Çadorninho de Vallongo, termo de Benavila» tinha a sua nobre profissão de trabalhador da terra...

VERGILIO CORREIA.

(1) Cfr. *Wörter und Sachen*, II, pags. 123 e 132; *Peasant Art in Austria & Hungary*, fig. 506, e figs. 703 a 719; *Anz. der Ethn. Abt. d. Ungarische N. Museums*, 1905, pag. 87 e ss.

(2) Rijks Ethnographisch Museum te Leiden — (Sgravenhage, 1906), Pl. IX.

# AS RONDAS

(MINHO)



IGO-LHES que são um encanto!

Só o nome parece ser já construído ao som de maçanetadas herculeas nos bombos, das baquetadas rijas nas caixas-fortes, da alegria exultante dos guiões, do reflexo policromado dos andores, da prataria insistente das filarmonicas, dos arroubos gloriosos do sol, do embandeirar entusiasta da poeira, e a mais, ainda, da jovialidade crescente, forte, generosa de todo o povo, — erguendo, á maneira votiva de um simbolo, o espirito delicioso da sua grande provincia natal!

Rondas!

Como quer, pronuncia-se, e logo evoca a alegria e os echos repercutindo pelos enguios das quebradas, entre os silvados com fruto, quando a Ronda caminha em massa, compressa, animada a ruidos interminaveis, e, mercê dos calores acres de julho, a agua doce corre em pregões nos cantis, jorrando, despenhada do alto, para as bocas sofregas dos romeiros em pasmo pela estiagem!

Rondas!

E' como um grito de guerra lançado sobre o trabalho e a alfaia, a um crepusculo de embevecimento e de tregua, em tarde exausta de sabado!

As Rondas!

Pois bem. Hoje realisou-se a de São Tiago. Hoje, oiçam, vinte e cinco de julho, dia de um sol formidavel, verdadeiramente abrazador, mas tambem de um encanto e vivacidade tais pelos ares azuis, pela ondulação das colinas, por este verde mundo em redor, que até no caminho, armonizando a sombra verde das poças em episodios graciosos das coisas simples, os bezoiros faiscavam e ondulavam, parecia que bebados de mel, a adormecerem os paradisiacos silencios transportantes!

E na estrada, ao meio dia, passou a Ronda.

A' frente vinham, com os seus bombos e as caixas pintadas de armas reais, oito individuos robustos, comandados por um regente de idade, a quem se confiára a guia com respeito — um homem nervoso e entusiasta, cujo sangue fremia, ébrio de ideais apoteoticos, ao compasso resolutivo e contente dos largos, pesados instrumentos de pancada!

Agora explicar-me-hão — se é que isso lhes parece empreza facil — por que meios pode um homem resultar, uma vez investido nas honras de um cargo de tão alto prestigio, simultaneamente pessoa grave e uma criança.

Foi o que eu perguntei a mim proprio, meditando, perdido a meio do roldão torvo



A BANDEIRA



## AS RONDAS

da Ronda, das excelentes qualidades ginásticas e orquestrais dos tocadores deanteiros desta profuso cortejo singular.



O TAMBOR

A cabeça encoifada num lenço alaranjado, grisalhas mas bem penteadas as suissas largas, da cinta acima a camisa grossa e alva de sabão, a faixa de malha negra ajustando com firmeza as calças de saragoça contra o ventre distenso, forrados os pés por brio num par de calçado bruto e crespo, e a mais o sol ao alto e atrás a Santa, ousa-se alguém perguntar de verdade quem era ali Bento Lopes, o regente, e o Jeronimo, e o Zé Francisco da Fonte Nova, e o Pedro, e o Joaquim da Feitosa, e o Rodrigo carpinteiro, e o Torquato Velho e o Caramalho!

Formidáveis!

Ah! . . . eu lhes digo, a Ronda entrava pelo melhor!

Envolvidos pela restolhada do pó — rijos, alegres, vermelhos! — como num baile mourisco, as longas pernas arqueadas, impando os instrumentos com graça, rodavam alegremente sobre si próprias, num movimento folgazão e de comico preceito; e entretanto, os bombistas, entre-olhando-se, zurziam de cima a baixo as peles de cabrito ao mesmo ritmo compassado e nervoso, com gravísimos cuidados pelas

exigencias capitais da partitura tradicional!

Oito crianças brincando! Donde em onde, descansavam, arreando as correias á sombra dos loureiros de alguma taberna apolinea, para quartilharem. Mas logo, prevenindo as gentes, o Bento crescia a meio, multiplicando subito e com vemencia a electricidade musical das descargas, para o levantamento.

E seguiam-se diversos tipos, na Ronda.

Ainda defrontando-se com o turbilhão da poeira, os moços gorduchões, levando ao alto, no vigor resolutivo dos dois braços, as grandes varas cascadas de pinheiro, faziam espaldanar na aragem, sob uma lança rustica de gibardeiras, os panos coloridos das flamulas ingenuas, dispostos resolutamente a tragarem leguas. Eles eram, a um de fundo e descalços, uma legião espadauda e briosa. Com os cabelos encaracolados de lã — tais que pareciam ovelhas ofegantes, no pastio — e igneos do sol e do esforço, só os numerosos lenços de rendas, bordados pelas namoradas e arrochando sobre o colarinho de goma, domingueiro, lhes dariam alma para tamanha empreza, em terras de um piso tão incerto e ardente. Aos dois lados da estrada, a par por'li fora com o desdobraimento afoito dos arvoredos verdes e despenteados, que se vestiam de capa com o sol, o povo dos lugares, resolvido contra os silvados crespos — estes subindo as sombrinhas, aqueles descobrindo os chapéus, a maioria das mulheres desafogando a seda escarlata dos grandes lenços de festa — abria em alas, olhando com sofreguidão do instinto megalominado, de olhos quentes e a boca barbara, peões eromeiros que passavam com destino do arraial, já lá adiante a zurrarem os bombos em trovoada apocaliptica, e ali, bem perto, erguendo soberanamente o guião á altitude das cerejeiras renda-



O BOMBO

## AS RONDAS

das pelo enforcado — qual d'elles mais forte, melhor encamisado, de morrião mais escarlate — para que, entre o sem numero dos guioneiros, a arraia, as mulheres, os devotos e os brasileiros vissem quem, chegado á idade temperada dos quinze, levava na Ronda, para promessa de futuro, a sua vára mais alta.

E começaram então, após a cruz de cobre doirado, com parras virgens entrelaçando-se-lhe nos largos braços rocalhescos, a passarem, em duas filas, de opa de lã vermelha e o cirio amolecendo ao peso das mãos ensoalhadas, os irmãos graves, já idosos, da confraria respeitada da aldeia.

A essa altura, a filarmónica, aproximando-se, parecia instrumentar por motivo de maiores entusiasmos, compassando e acompanhando á felicidade d'aquelle dia de uma luz tão viva e acelerada no espaço (que dir-se-ia erguer-se para a consagração gloriosa de algum triunfo natal) o desdobrar jubiloso, grandiloquo, mais direi, excepcional, da Ronda que ganhava, a par do sorriso impulsivo de todas as admirações, a alegria comovida das meigas gentes tradicionalistas.

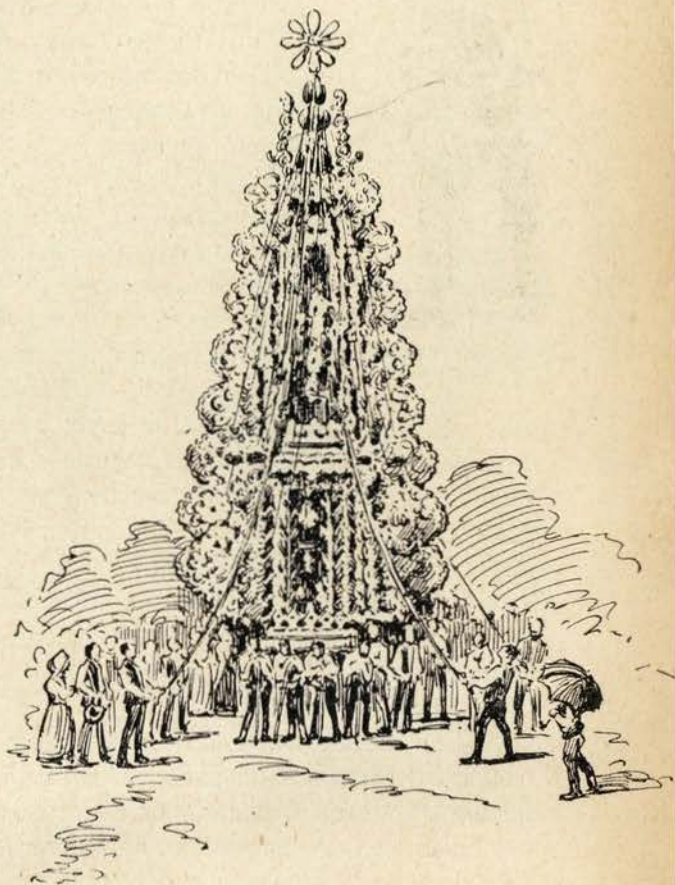
E os irmãos, quasi exaustos e vermelhos, da confraria, continuavam passando.

Quando n'isto, a uma curva proxima e soalhenta da estrada, estremecendo e subindo alem das videiras abertas com desenvoltura e pojeira, surgiu, policromado e brilhante, o andor!

Ele era a Torre de David, com seus dez seguros metros de tamanho, a desdobrarem desde baixo, da padiola e a duzia e meia dos jornaleiros moços que o carregavam, até lá ao alto, á cartucha mourisca e lentejoulada do remate, a meio de cuja esmaltada esferencia, alva como um floco das nevadas, a pomba do Espirito Santo desprendia por sobre a face abraçada de todo o andor, á maneira dos velarios egipcios, um argenteo, copioso e delicado véo de trênas.

Da frente e por detraz, procurando equilibrio á grande fabrica imaginosa, corpulentos mezarios e amestrados armadores de festividade e enterro, da aldeia, ajustavam a distancia, nos pulsos, com alma, as enlaçadas e grossas cordas de navio, que vinham de cima, de um terço superior da oferenda, a garantir o registo para a posição vertical do andor atravez as incertezas do caminho e o estonteamento, doloroso já, dos devotos vergando á carga imensa num dia mais que todos estuante e festivo.

Ao aproximar-se, o clamôr da filarmónica reduzia a uma histrionomia comica os



O ANDOR



O PADRE

gestos, as expressões de espanto e logo as frases rapidas, anciosas, dos mezarios fatigados e regularisadores do prestito. Ao redôr do voto gigante, comprimindo-se, encrespando o pêlo ao sol, mas suando e gosando do fundo de toda a sua alma generosa, transbordava em massa o povo, aparamentado de gala na camiza de pregas, com o costeadado escarlata do colete fumegando á canicula e o oiro bailando, tonto, nos roldões ou sempre que os da confraria, ás arrecuas, violentamente procuravam o desafogo á marcha. Na aldeia, á passagem, cantaram os sinos paroquiais, em cumprimento. E então poude ver-se melhor, faiscando, trepando, estremecendo lá ao alto, no espaço azul que se polvorisava de sol, como sob um magnifico brocado de velho toldo oriental, com que ingenua intenção, dividido perpendicularmente em trez corpos arqueados de santuario e encolunado de margem pelos galões amarelos de umas salomonicas de interpretação aldeã, o andôr procurava, aberto, com a sua larga folhagem espaventosa de palhões e damascos, com os seus anjos alados, com os seus capiteis pretensos floridos, com as borlas rabuchas de madeira rematando a ondulação graciosa dos cortinados e a policromia inesperada e todavia ali tão necessaria dos grandes ramos de videira suspendendo as primeiras e acinzentadas uvas do ano, nada mais nada menos que transportar, do interior dos templos para a glorificação da luz, á alegria do ar livre, sob a fantasia das nuvens, a ternura das aves e ao

acompanhamento jubiloso das musicas, o imponente, doirado e sempre sugestivo altar de talha, barroco, que ha dois seculos penetrou o Minho catolico em todas em direcções, correspondendo de resto, e melhor que nenhum outro elemento artistico, ao delirio das grandezas que instiga o sentimento religioso e quasi rege em absoluto as aspirações superiores da vida nos seus naturaes.

Assim o compreendi, sentindo alumiar-se-me a alma nos olhos com enternecimento.

Entretanto, tenteando ainda as grandes azas marginaes com os compridos forcalhos de pinheiro, para que mais violentamente o sol as iluminasse; fazendo parar, nos estremecimentos mais bruscos, as grandes bolas de vidro argentado, azues, verdes, vermelhas, que rematavam por ali acima, como por motivo de festa nos templos, a armação agaloada das trez sucessivas divisões de altar-mór — na segunda das quais a imagem da Virgem amorosamente erguia o Filho ao colo; afastando as longas vides de enforcado que cubiçavam o véo por vezes esvoaçante das trênas; ordenando e corregindo tudo, a capricho, assim o andôr foi passando. Seguiam-no, a lentos passos, transfigurados pelo cansaço, o paroco, revestido de sobrepeliz e barrete, e o grupo enorme dos camponezes amortalhados, com silvas de rosas na frente, ao uso de velha influencia grego-romana, que erguiam contra o peito, encartuchados nos lenços de rendas, os grandes cirios de promessa, tradicionalmente floridos e abraçados por fitas de todas as côres. Tinha logar então, ruidosamente estrugindo, a filarmónica da aldeia, de barretina empalada sobre o nariz, canceirosa, curtindo ao sol, e com lenço em bico apertado sobre o colarinho de borracha. Depois, crescendo, entrava o



O AMORTALHADO

## AS RONDAS

povo, restava na Ronda a multidão ensoalhada e briosa, tragando conformada e engraçadamente a poeirada espessa, confundindo-se com ela, estranha de fé, de colorido e de energia, como de nenhuma outra sei, como maior é impossível imaginar.

Assim, e enquanto que a Ronda avançava, o sol crescia e a filarmónica barbara entrecrocava violentamente os acordes — a distancia, os bombos, alarmavam alegremente o caminho, zurrando ainda com um fragôr soléne de trovoada repercutida pela montanha.

Tal era, pela Ronda do S. Tiago, o cortejo do andor da Senhora do Rosario, de Santo Estevão.

(Continúa.)

ALFREDO GUIMARÃES.

### DA LISBOA DO FIM DO SECULO XVIII



Aguarela de Zacharie Felix Doumet

VIII — LA CONVERSATION PORTUGAISE...

## CRONICA

PROF. HENRI BREUIL

Passou quasi todo o mez de Junho em Portugal, o illustre professor, abade Henri Breuil, que ora se encontra em França em serviço do seu país. Embora já tivesse pizado chão português na freguezia raiana da Esperança, foi esta a primeira vez que o illustre arqueologo teve ocasião de conhecer mais amplamente a nossa preistoria. Em 11 e 14 de Junho fez, na Sociedade de Geografia, duas conferencias, as mais brilhantes que ultimamente ali se tem realizado. O resto do seu tempo ocupou-o em vizitar museus, coleções particulares e estações ao ar livre, tendo pesquisado numerosas cavernas da Extremadura. No proximo numero da *Terra Portuguesa* nos referiremos com maior desenvolvimento á viagem do illustre professor, e inseriremos colaboração sua sobre assuntos portugueses.

## EUGENIUZ FRANKOWSKI

Dá-nos hoje a honra de colaborar, pela segunda vez, na *Terra Portuguesa*, o ilustre etnografo polaco, que, sobre assuntos ibericos, se está creando uma reputação mundial. Inteligente, estudioso, tenaz, ele tem conseguido, atravez de mil dificuldades derivadas da situação anormal que o mundo atravessa, firmar a sua reputação de homem de carater e de cientista. Ao nosso prezado colaborador as nossas homenagens e agradecimentos.

## LIVROS

*Horreos y Palafitos de la Peninsula Iberica*, por EugeniuZ Frankowski (Madrid-1918): — A *Memoria* n.º 18 da «Comission de Investigaciones Paleontologicas y Prehistoricas» assim intitulada, é, com certeza, o primeiro grande livro de etnografia publicado em Espanha. Bem elaborado e bem documentado, ele pode servir de modelo a quantos trabalhos do mesmo genero se queiram fazer no paiz visinho, que, valha a verdade, não explorou até hoje convenientemente esse filão precioso da vida da nacionalidade, que é a Etnografia.

EugeniuZ Frankowski, o sabio etnografo polaco cujo talento os leitores da *Terra Portuguesa* puderam avaliar pelos trabalhos aqui publicados, dotou a Peninsula com mais uma obra de inestimavel importancia, agora que, na transformação geral do mundo, se vão perdendo os velhos usos e modificando as antigas instalações agricolas. Ocupou-se desta vez dos *horreos*, os *espigueiros* ou *canastros* em que se guardam os cereaes, em especial o milho; e das *palafitas*, os edificios construidos sobre estacaria. E estudou-os completamente, nas modalidades que apresentam nas diversas provincias da Peninsula e em todo o resto do mundo.

O enunciado dos titulos dos capitulos fará avaliar da sua importancia. Ei-los: «Los horreos de la Peninsula Iberica (—de Asturias; Leon, Palencia y Santander; de Galicia; de las Provincias Vascongadas; de Portugal). Los horreos en otros paises. Los palafitos (—de Asia; de Oceania; de Africa; de America; de Europa). Las menciones y representaciones de los Palafitos en la literatura classica y sobre los monumentos antiguos. Los palafitos fósiles de Europa (— los de Galicia). Las causas de las construciones palafiticas. Representaciones de los palafitos en al arte prehistorico. Huellas de las construciones palafiticas en las viviendas contemporaneas de la Peninsula Ibérica».

Em todo o livro ha numerosas referencias a Portugal, o que o torna indispensavel para o cultor destes estudos entre nós. A EugeniuZ Frankowski, nosso muito querido colaborador, os nossos mais sinceros e aplausos pela sua bela obra.

*La Cultura Iberica*, pelo Dr. Pedro Bosch Gimpera (Barcelona 1918): — Assim se intitulou uma conferencia feita pelo ilustre professor da Universidade de Barcelona no *Ateneu Barcelonez* em 1917. Dessa conferencia foi feita uma edição, que recebemos em Abril. O Dr. Pedro Gimpera dá-nos, nesse trabalho, um resumo claro, meticoloso e brilhante, do que foi a civilização iberica, elaborada localmente pelos habitantes, e embelezada por influencias artisticas que vieram de fóra. A Geografia, a Etnografia, a Civilização, esta ultima estudada em especial nas regiões do Ebro, e de Castela, são versadas com proficiencia neste trabalho pouco volumoso, mas valiosissimo. Acompanham o folheto 34 gravuras representando armas, utensilios e adornos ibericos.

*Estudos da Etnogenia Portuguesa (Cranios braquicefalos)*, por A. A. Mendes Corrêa (Porto 1918): — Mais um estudo do nosso prezado colaborador Dr. Mendes Corrêa temos que arquivar na «Cronica» da nossa Revista, e faze-mo-lo com tanto maior gosto, quanto este é um dos seus melhores trabalhos e uma das mais interessantes memorias antropologicas publicadas em Portugal. Nele se ocupa o ilustre antropologo da braquicefalia preneolitica e neolitica em Portugal; dos braquicefalos nos tempos proto-historicos e historicos; das tendencias braquiodes da população atual do país; da origem e classificação dos braquiodes europeus; da braquicefalia e dos povoadores primitivos e historicos de Portugal. perante o textos e a arqueologia, etc. A proposito desta ultima parte, o Dr. Mendes Corrêa apresenta-nos um resumo muito elucidativo de quanto se conhece sobre a etnografia peninsular. Pelo seu talento e pelo seu esforço, o Dr. Mendes Corrêa, em cujos trabalhos se refletem todos os metodos e orientações as mais recentes, está-se creando uma situação de excepcional evidencia na antropologia portuguesa.

## CRONICA

A *Via Sinuosa*, por Aquilino Ribeiro—Lisboa, 1918.—O último livro de Aquilino Ribeiro alguma coisa merecia mais que o adjectivo parvinho com que foram recebê-lo os meninos das gazetas. Porque pela sua sinceridade, pelo honesto trabalho do escritor, é das raras tentativas de muito real valor que no campo do romance, tão sáfaro em Portugal, se tem feito por aí da obra de Eça para cá. Bem querer esta revista, se as páginas não se lhe confinassem numa especialidade absorvente, consagrar-lhe o estudo a que tem direito o etnógrafo carinhoso de *Como os estrangeiros viram Portugal* e dos *Rosários Serranos*, e o artista de tão nobres qualidades que o *Jardim das Tormentas* afirmou. Assim, ha que restringir esse trabalho a uma simples noticia, onde se marquem as qualidades do autor, e o traço dominante da sua obra resalte, vincado apenas.

Um estudo sério da obra de Aquilino haveria de começar pela linguagem, tão caracterizada pelo desetêrro de vocábulos perdidos nos mestres clássicos e esquecidos nos dizeres do povo, — embora por vezes tocando no exagêro, inçando o texto do livro, sem que nada o justifique, de pronúncias populares e fórmulas ultra eruditas escapulidas ao *Elucidario* de Viterbo. Do seu livro anterior para êste, a distância é enorme. O vocábulo adquire precisão, ao contacto com a terra lusitana e os velhos textos da grei; e onde antes havia, numa prosa já macia mas arrastada, apenas manchas de côr e ritmo iluminando o olhar, acordando gestos e tintas com nítido recorte e paleta fluida, ha agora uma posse mais perfeita da palavra, que se junte ao assunto com mais primor, e decorre páginas fóra sem solavancos nem sobresaltos, verbalizando sentimentos e sensações com uma serena transparência que indica senho-reamento da técnica. Certo, a novela, menos confinada do que o conto, presta-se mais a encobrir deficiências; mas, mesmo com essa ajuda, o progresso é enorme, o estilo perde em tortura ganhando utilidade, e corre sem arrepios nem convulsões, sem efeitos rebuscados que são já processos definidos.

Mas, se do *Jardim das Tormentas* para *A Via Sinuosa* o estilo ganhou, perdeu o trama da acção e o traço dos caracteres, que por vezes se esfuma em indecisões e contrasensos. Neste ponto já o romance tem outras exigências do que o conto; e, antes de atacar o romance, ha o escritor de dar balanço à sua alçada de observador e afastar para bem longe da acção os caracteres para que o seu pincel é inhabil e a sua retina não alcança com nítido recorte. Assim, se no livro ha figuras moldadas com mão de mestre (o Chinoca, a figurinha gracilima de Celidônia, o velho Violas e a mãe Violas, o tio usurário, o Fidalgo Malafaia, a patrôa da casa do estudante em Lamego), noutras nunca o autor deveria ter bolido. Pondo de parte a figura central da obra porque longe levaria a sua análise, inconsequente e desequilibrada, que o autor parece ter querido encher de generosidade, sofrendo os vícios do meio e levado por êles de roldão (quando o Rolim, seu rival, lhe ia roubar a cachopa, ao vê-lo partir, corrido, encomenda-o a Deus no officio santo), as personagens em tórno de que se desdobra a acção sofrem no diálogo de tais vícios de linguagem que quase se desfiguram. Assim, no velho Padre, em cujas falas e conceitos alguma coisa perpassa de certos personagens de Anatole, a caracterização é a mais não arbitrária, feita por um processo excessivamente *literário* e excessivamente perigrigoso, a citações de velhos moralistas e autores de raridades bibliográficas; a ponto que, a certa altura do livro, se vê o autor na dura necessidade de explicar que êle já viajára por França e Alemanha, para explicar o fluxo de comparações que o velho a cada passo expectora. Mas onde êsse mal realça mais é no trabalho de linguagem das personagens elegantes. As falas da Fidalga, que empolga o coração da figura principal, são duma banalidade por vezes cómica. Para aguentar os diálogos amourosos entre os dois, houve que recorrer ao *truc* de fazer o discípulo do opinioso padre catalogador da Biblioteca do Fidalgo; — o que, no fundo só prova a consciência do autor, que mostra conhecer o verdadeiro ambito da sua observação (falêna volitando sôbre o perfume das coisas velhas) e querer afastar-se, embora com artificios, dos assuntos perigosos. Não foi outra a razão que levou Balzac a criar os tipos supremos de De Marsay e Rastignac e a encher com êles a sua obra, em vez de criar nela uma enorme galeria de personagens; mas Aquilino devia de certo ter levado mais longe o estudo da sua alçada, reduzindo ao mínimo o papel, ou pelo menos os diálogos, das figuras que a sua observação não pôde erguer com perfeição e o seu estilo não tem utilidade para enlaçar, como tentou por ex. a pag. 180, pondo na terceira pessoa certa fala da Fidalga, o que ainda assim não o inibiu de obrigar aquela futil e ultra leviana mulher, que fazia dos prazeres da carne razão da vida, a orar com grave entôno do que um dia houvera lido numa crónica velha sôbre o que os selvagens de África chamavam ao primeiros portugueses (pag. 181), ou bradar, muito sensual, erguendo os olhos dum calhamaço

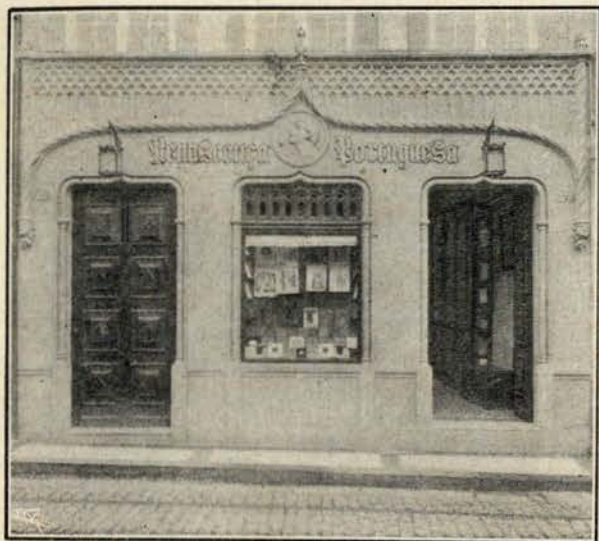
## CRONICA

latino — «Tens os rins sólidos como Aquiles!» (pag. 301.) Sôbre isto, figuras ha na obra cuja razão de aparecimento se não compreende: *verbi gratia* os frades de Aldeia da Ponte, a insistirem, untuosamente, com o velho Padre — que na sua egreja desejavam prègar *sem intuito reservado*, a pontos que a gente fica à espera de que, com uma tal insistência, os frades venham a tocar no romance alguma mola fundamental do entrecho; quando afinal desaparecem logo como apareceram — sem a gente saber como.

Com todos os seus defeitos, o livro de Aquilino Ribeiro fica como uma nobre tentativa de fazer uma obra de arte bem portuguesa; servirão êles até para, em trabalhos futuros, afastar o artista de precipícios, pondo-o longe de figuras que vivem distante do seu campo de observação, de resto vasto para que faça incursões em campo extranho. E porque é uma obra sincera de alguém que tem talento e procura realizar à custa dum trabalho muito honesto — ela tem o nosso aplauso e o nosso incitamento.

VEIGA SIMÕES.

## RENASCENÇA PORTUGUESA



FACHADA DA LIVRARIA

Nesta pequena noticia, em que, embora frouxamente, desejamos deixar expressa a nossa admiração e estima pela obra da *Renascença*, obra unica entre nós, não queremos esquecer, o seu secretario, Alvaro Pinto, a cujo esforço, dedicação e tenacidade se deve parte do successo que ela alcançou.

Que a *Renascença* continue, sem desfalecimento, o caminho encetado, para maior interesse das letras portuguezas!

De simples empreza de moços cheios de entusiasmo e de fé no resurgimento da patria, transformou-se a *Renascença*, em pouco mais de meia duzia de anos, numa bela obra de realização e propaganda.

Começando pela publicação da revista *A Aguiã*, que continua, inalteravelmente, a sua rota gloriosa, a *Renascença* conta hoje, como sociedade editora, umas centenas de livros publicados, e acaba de abrir a sua primeira livraria no Porto.

No successo desta empreza podemos todos os que nos dedicamos ao arduo labor das letras, verificar quanto podem o trabalho honesto, o esforço constante e a vontade orientada e decidida a vencer.



SALA DE EXPOSIÇÃO, ANEXA Á LIVRARIA



## MAIS LIVROS RECEBIDOS

*Extracto del «Avance al estudio de la escultura prehistórica de la Península Iberica», por Juan Cabré Aguiló (Coimbra, 1918):*— Neste seu novo trabalho, publicado nos *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*, e extraído de uma memoria apresentada ao Congresso de Sevilha de 1917, o conhecido arqueologo espanhol, sr. Juan Cabré, occupa-se das esculturas preistoricas até hoje apparecidas na Península, que divide e classifica em varios grupos. De Portugal cita e aprecia os celebres monumentos do Crato, Gouquinho, Seíra da Baulhosa e Moncorvo, os monólitos de Castelo Branco, encontrados por Tavares Proença, e a estela da Esperança, que o sr. Breuil descobriu, e publicou nesta revista. Occupa-se depois das esculturas de Galiza, entre as quaes sobreleva o monumento de Troitosende, e dos baixos-relevos de Marquinez. Promete-nos, por fim, sensacionges descobertas de cavernas artificiaes em Espanha.

Ficamos esperando, ansiosamente, o novo trabalho do sr. Juan Cabré.

*A vida de uma tribu sul-africana*, por Henri Junod, tradução do inglez por Carlos Bivar (Lisboa, 1917):— O sr. Carlos Bivar, distinto funcionario do Ministerio das Colonias propoz-se traduzir, nas suas horas vagas, este interessante trabalho do illustre missionario suizo, e conseguiu, mercê do amavel auxilio da Sociedade de Geografia, vêr publicado o seu trabalho numa solida e volumosa edição illustrada.

Nas 470 paginas da obra encontra o etnografo os mais completos elementos para o estudo social da tribu Thonga, confinada na parte sul da nossa provincia de Moçambique.

O enorme valor que tem, para os cultores da etnografia comparada, este livro, indica-o o proprio sr. Junod quando escreve: «A vida de uma tribu sul-africana é uma coleção de fenomenos biologicos que devem ser descritos objetivamente porque representam um certo periodo da evolução humana».

Para o nosso pais, tão pobre de estudos sobre etnografia colonial, é uma obra que marca. A Sociedade de Geografia, que tão generosamente se encarregou da edição do livro, e ao sr. Carlos Bivar, pelo seu trabalho inteligente e consciencioso, os nossos aplausos.

*As extintas fabricas ceramicas fundadas em Coimbra e em Gata pelo professor Vandelli*, por Luiz Augusto de Oliveira (Lisboa, 1918):— O sr. Dr. Luiz de Oliveira, ceramografo distinto e possuidor da melhor coleção de faianças de Viana do Castelo, acaba de publicar, em separate dos «*Annaes da Academia de Estudos Livres*», o interessante trabalho assim intitulado. É mais um belo estudo para juntar á serie dos que o distinto investigador tem concedido á «*Gazeta do Lima*» e que se destinam a uma volumosa obra sobre a cerâmica vianense.

*A Aguia*:— Continua brilhantemente a sua carreira esta revista de literatura, sciencia e arte. De interesse para o nosso genero de estudos, «*A Aguia*» publicou, nos n.ºs 71 e ss. um artigo do illustre critico de arte portuense, Dr. Aarão de Lacerda, acerca do *Museu Grão-Vasco*. Nesse mesmo numero 71 inseriu a revista um estudo do Dr. Vergilio Correia, intitulado— *A Familia Oliveira Bernardes*, onde se estudam a vida e obras ceramicas dos grandes azulejadores lisboenses, Antonio e Policarpo de Oliveira Bernardes.

O n.º 77-78 da mesma revista insere novo artigo do nosso director literario— *Azulejadores e pintores de Azulejos, de Lisboa (Olarias de Santa Catarina e Santos)* contendo numerosos dados inéditos acerca do pintor de azulejos Gabriel del Barco; do pintor Francisco Ferreira de Araujo; e do celebre azulejador Manuel Borges.

Recebemos mais a *Etnografia Artistica da Ilha de S. Miguel*, por Luiz Bettencourt Leite de Ataíde, de que nos occuparemos no proximo numero; e de Espanha, os seguintes trabalhos: *La edad neolitica de Vélez Blanco*, por Federico Motos, e *La Cueva del Buxu (Asturias)*, por H. Obermaier y el Conde de la Vega del Sella, *Memorias* n.ºs 19 e 20 da «*Comission de Investigaciones*», e as *notas— Nuevos datos para la cronologia del arte rupestre de estilo naturalista en el oriente de España*, por Paul Wernet; *Exploracion de la cueva prehistorica do Conejar (Caceres)*, por Ismael del Pan; e os *Estudios de arte prehistorico* por E. Hernandez-Pacheco.

*Um nucleo de tecidos*, por D. Sebastião Pessanha (Lisboa, 1918):— Acaba de apparecer este trabalho do sr. D. Sebastião Pessanha, a que no proximo numero faremos as referencias desenvolvidas que merece. Recomendamos aos nossos leitores esta bela obra, inteiramente nova entre nós, em que o autor descreve e estuda 50 tecidos diversos, pertencentes a epochas compraendidas entre o seculo xv e o xviii.



